



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DA SOCIEDADE
ANTROPOLOGIA**

**TERRA DE ENCANTADOS RESPEITE SUA MORADA! UM ESTUDO SOBRE
COSMOLOGIA E ECOLOGIA DE COMUNIDADES PRÓXIMAS A SANTARÉM DO
PARÁ**

EDÚ DA SILVA COSTA

SANTARÉM

2019

EDÚ DA SILVA COSTA

**TERRA DE ENCANTADOS RESPEITE SUA MORADA! UM ESTUDO SOBRE
ECOLOGIA E COSMOLOGIA DE COMUNIDADES PRÓXIMAS A SANTARÉM DO
PARÁ**

Monografia apresentada a Universidade
Federal do Oeste do Pará como requisito
para obtenção do título de bacharel em
Antropologia.

Orientador(a): Prof(a). Dr. Luciana
Barroso Costa França

SANTARÉM
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA

C837t Costa, Edú da Silva

Terra de encantados respeite sua morada! Um estudo sobre cosmologia e ecologia de comunidade próximas a Santarém do Pará / Edú da Silva Costa. – Santarém, 2019.

59f.; Inclui bibliografias

Orientadora: Luciana Barroso Costa França
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Antropologia.

1. Antropologia. 2. Cosmologia. 3. Ecologia. I. França, Luciana Barroso Costa, orient. II. Título.

CDD: 301



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

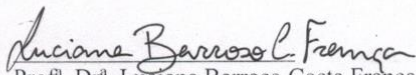
EDU DA SILVA COSTA

**“TERRA DE ENCANTADOS RESPEITE SUA MORADA! UM
ESTUDO SOBRE COSMOLOGIA E ECOLOGIA DE
COMUNIDADES PRÓXIMAS A SANTARÉM DO PARÁ”.**

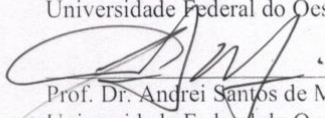
Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia
com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC, e obtenção de
grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do
Oeste do Pará.

Conceito: 8,5

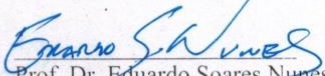
Data de Aprovação 18/02/19



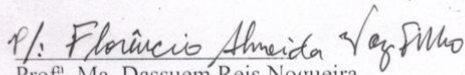
Profª. Drª. Luciana Barroso Costa França – Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Prof. Dr. Andrei Santos de Moraes
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Profª. Ma. Dassuem Reis Nogueira
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

“Dedico este trabalho aos povos que aqui
derramaram seu sangue numa luta
incansável pela vida.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

A minha orientadora Professora. Dr(a). Luciana França, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória.

A banca representada pelo(a)s Professor(e)(a)s Andrei Moraes, Eduardo Nunes e Dassuem Nogueira.

Aos professores do Programa de Arqueologia e Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Ao professor Pinóquio e o Bando Maré de Março.

Aos Cravos da Libertinagem.

Ao Bar do seu Babá e dona Lena.

Ao Caminho das Pedras.

As plantas sagradas.

A Secretaria do Curso, pela cooperação.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Tem mais olho no fundo que fio de
cabelo em cima da terra”

RESUMO

Esta monografia propõe-se a estudar as relações entre Ecologia e Cosmologia em algumas comunidades próximas a cidade de Santarém do Pará, tendo como base a crítica antropológica à dicotomia Natureza e Cultura, uma vez que tais noções são limitadas para explicar a realidade estudada, pois aqui os lugares “naturais”, como florestas, rios, nascentes, mostram-se como sociais, apresentando-se como moradas de seres encantados que afeta em diversos aspectos a vida social das comunidades, entre eles, na agricultura, pesca, caça e maternidade. Tais seres são ambivalentes, podem, por vezes, ajudar ou prejudicar os moradores. Existe para isso uma série de regras de convivência, que acaso sejam transgredidas resta ao pajé buscar acordos entre humanos e encantados para estabelecer a harmonia.

Palavras-chave: Antropologia. Cosmologia. Ecologia.

ABSTRACT

This monograph proposes to study the relations between Ecology and Cosmology in some communities near the city of Santarém do Pará, based on the anthropological critique of the Nature and Culture dichotomy, since such notions are limited to explain the studied reality, since here the "natural" places, such as forests, rivers, springs, show themselves as social, presenting themselves as dwellings of enchanted beings that affect in several aspects the social life of the communities, among them, in agriculture, fishing, hunting and maternity . Such beings are ambivalent, they can sometimes help or hurt the villagers. There exists for this a series of rules of coexistence, that perhaps they are transgressed it is left to the pajé to seek agreements between humans and enchanted ones to establish the harmony.

Keywords: Cosmology. Ecology. Pajelança. Anthropology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 COMO CHEGUEI AQUI?.....	11
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	13
1.3 HIPOTESE.....	15
1.4 METODOLOGIA	16
1.5 LUGAR DE ONDE ESCREVO	19
1.6 APRESENTAÇÃO DE CAPÍTULOS.....	21
2. TERRA DE ENCANTADOS UM ESTUDO DE ECOLOGIA E COSMOLOGIA	22
2.1 NATUREZA E CULTURA NOÇÕES EM DEBATE.	23
2.2 PERSPECTIVA DA ETNOLOGIA SULAMERICANA.....	25
2.3 TERRA DE ENCANTADOS, CONVIVENDO COM OS DONOS DO LUGAR .	29
3. ENTRE RIOS E FLORESTAS: NARRATIVAS ENCANTADAS DE PESCADORES, CAÇADORES E CURADORES (PAJÉS).....	39
3.1 NAS MATAS, NOS RIOS TUDO TEM DONO	39
3.2 OS ENCANTES DO PAJÉ: EM CIMA DA TERRA E NO FUNDO DO RIO	49
4. CONCLUSÃO.....	54

1. INTRODUÇÃO

1.1 COMO CHEGUEI AQUI?

A Antropologia surgiu em minha vida em um momento oportuno, quando resolvi abandonar a Engenharia Física e partir para o novo. No florescer da juventude, onde muitas inquietações e questionamentos aparecem no horizonte e existe uma necessidade de firmar bem os pés no chão e decidir um caminho a trilhar. Este é meu caminho. Nasci na comunidade Cururu do Lago Grande do Curuai, filho de professor e mãe agricultora, morei parte da minha infância na comunidade com meus avós, pois meu pai partiu para Santarém para trabalhar como professor na cidade de Santarém. Por esta razão, minhas memórias mais antigas são das longas caminhadas com meu avô, seja na floresta para extrair leite de sucuba, tucumã, bacaba ou algum outro produto extrativista; seja navegando de canoa para conseguir o alimento nosso de cada dia. Lembro-me do dia em que meu avô achou um remo flutuando no rio e talhou-o, adaptando ao meu tamanho, esse foi meu primeiro remo. Lembro-me também do terreiro de minha avó, onde havia um grande pomar com laranjeira, bananeiras, abacateiro, pupunha, bacuri, inúmeras ervas medicinais, o cheiro forte do mucuracaá e das folhas de chicória que espalhava pelo quintal. Após essa fase vim para Santarém para morar com meus pais e estudar. Este é o lugar de onde falo agora. Este trabalho é, de certa maneira, uma homenagem às vivências e memórias dos povos que habitam a floresta amazônica. A Antropologia me trouxe um novo olhar sobre o lugar onde habito, e deixo bem claro meu posicionamento, seguindo os passos de Walter Benjamin (2006) em “O autor como produtor”, escrevo ao lado do meu povo.

Durante o período que eu estive na universidade, ingressei primeiro no curso de Engenharia Física pela forte influência que recebi das aulas de Linux e programação de computadores no projeto Puraqué ¹, projeto este que fui voluntário durante algum tempo até entrar na Universidade Federal do Oeste do Pará. Estudei dois semestres no curso de Engenharia e não me senti realizado, por conta disso

¹ O puraqué é o peixe-elétrico da Amazônia, provoca choque elétrico se entra em contato com o ser humano. O projeto Puraqué um projeto de cultura digital voltado para atender a comunidade e difundir a inclusão digital a partir do uso do software livre aliado com os princípios da ética hacker, que tem por base a colaboração.

resolvi mudar para o Instituto de Ciências da Sociedade, onde ingressei no curso de Antropologia. Esta disciplina me fez reavaliar muitos conceitos naturalizados dentro de mim e a encarar o mundo de outra maneira. O período que estive no curso sofreu uma forte crise existencial, foi um momento que fiquei doente e, até então era cético em relação às questões que envolvem espiritualidade, e ateu com relação a tudo que desafia à razão e a ciência.

Em outubro de 2013 fui convidado por um amigo a participar de uma sessão espírita na União do Vegetal, onde se comunga a bebida enteógena “ayahwasca”², conhecida pelos adeptos da religião como “hoasca”. Foi o primeiro contato com algo que extrapola os limites da razão. Fiquei um tempo sem fazer uso da bebida, até que em maio de 2014 fui convidado por outro amigo para ir participar de um ritual com uso da bebida em lugar chamado “Caminho das Pedras”, situado na cidade de Santarém. Neste lugar, porém, o ritual se dava de outra maneira, a bebida nesse lugar é usada como medicina para tratar de doenças do corpo e do espírito, com uso de rapé³, não se fala durante a cerimônia, e a guia ⁴ conduz o “trabalho” com uso de instrumentos musicais, alguns percussivos como maracás de cuias e sementes, e outro de folhas, conhecido como “wayra”⁵, no final canta-se as músicas com mensagens que transmitem positividade. Frequentei e fiz parte deste lugar durante 3 anos, onde trabalhei, ajudei a preparar a bebida, conduzir os trabalhos. O tempo que passei no Caminho das Pedras me fez voltar aos meus tempos de menino, pois nesse lugar comunga-se de ideais como “retorno a terra”, dizia-se lá que o trabalho começa quando as pessoas chegam para trabalhar no sítio, e o trabalho é plantar, cavar buracos, construir, podar árvores. O momento da ingestão da bebida era complementar a primeira etapa que é trabalhar a terra. O que a ingestão da bebida e o Caminho das Pedras trouxeram para mim foi a necessidade de conhecer minhas raízes, que estão ligadas à vida próxima ao rio, a mata, aos animais. E a minha ancestralidade, os banhos de cheiro que tomava quando era criança, ao meu bisavô paterno que era puxador e benzedor, à família da minha mãe, a qual tinha uma tia que era “curadora”.

² Bebida enteógena de origem ameríndia preparada com o cipó *bannisteriopsis caapi* e o arbusto *phisycotria viridis*

³ Substância em forma de pó feita com tabaco e cinzas de árvores.

⁴ Como é conhecida a pessoa que conduz a cerimônia

⁵ quéchua “vento”

Este trabalho começou, de certa maneira, como resultado de minha iniciação ao mundo espiritual, às plantas sagradas, e aos espíritos que visitam sob a luz da ayahuasca. Inclusive “recebi” muitos dos primeiros insights para este trabalho sob o efeito da força e da luz da bebida, que traduzida do quéchua pode significar “vinho dos espíritos” ou mesmo “corda da morte”. Um dos primeiros fatos que me instigou, foi saber pela boca do meu guia que sua iniciação se dera quando tinha quinze anos por um “curador” conhecido como “Seu Flor”, que nesse momento morava no bairro da Área Verde localizado na cidade de Santarém. Seu Flor, chamava para sua bebida de remédio de cabi (Cabi-roxo é um nome que se dá para o bannisteriopsis caapi) e com o auxílio desse remédio preparava suas garrafadas com as quais atendia as enfermidades de quem fosse lhe procurar. Dois anos depois do meu guia ser iniciado seu mestre então faleceu. Isso me instigou, fazendo-me procurar saber mais sobre as/os curadores da região. Durante este tempo, também conheci alguns agentes de práticas de cura não-biomédicas, isto é, benzedor(e)(a)s, puxador(e)(a)s, pajés. Algumas dessas pessoas, como dona Lídia, já faleceram, ela inclusive, uma vez, me salvou de uma dor nas costas. Na ocasião, ela rezou baixo atrás de mim e disse que no outro dia levantasse os braços três vezes para o alto, assim fiz, foram três estalos que senti em minha costa, pronto, fiquei bom! Algumas dessas pessoas, também são amigos dos quais tive contato em outras cidades, como Manaus, no caso do seu Miro, curador de uma comunidade aos arredores da cidade. Ao mesmo tempo, conheci pessoas e muitas histórias que preenchem esse trabalho. Ressalto que esse trabalho não tem por objetivo esgotar o tema, uma vez que o campo é vasto, muitas coisas hão de ser descobertas e conhecidas.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.

Em linhas gerais, esta monografia é uma tentativa de articulação entre alguns elementos etnográficos e a teoria antropológica, o tema volta-se para a relação entre o ser humano e o meio ambiente, isto é, a floresta, o rio, igarapés, olhos d'água, nascentes, vegetais. Neste caso, mais especificamente, a realidade de comunidades próximas a cidade de Santarém (comunidades do Baixo-Amazonas,

Baixo-Tapajós e Arapiuns), em sua maioria comunidades ribeirinhas⁶ e estão em contato com a floresta amazônica, os rios, os animais. Pretendo ir à busca de como se estabelece essa relação? De que maneira influencia na vida social dos moradores das comunidades? O que surge dela?

Por tais comunidades tratarem o espaço natural como um lugar cheio de agências, habitadas por sujeitos diversos, que interferem de maneira direta a realidade em diversos setores da vida cotidiana, torna-se fundamental por em debate as noções de natureza e cultura, testando até que ponto essa dicotomia serve para explicar à realidade de tais comunidades, pois aqui parece não haver distinção delimitada entre tais polos pelo fato do espaço natural ser dotado de socialidade. Para desenvolver a escrita, coletei narrativas de moradores, ex-moradores, pescadores, caçadores e curadores de comunidades do Baixo-Amazonas, Baixo Tapajós e Arapiuns. Escolhi esses atores pelo fato de mostrarem-se como peças-chaves nesse quebra-cabeça, simplesmente por serem eles os que experimentam de maneira direta a floresta, o rio e a fauna. São dessas pessoas que surgem as histórias que atualizam o respeito que os moradores tem por certos lugares, pois são moradas de encantados (no fundo do rio, nascentes e igarapés) ou da mãe da mata, mãe-da-terra-preta (na floresta).

Alguns elementos resultam daí, como é o caso dos conhecimentos e ritos que incluem licenças, orações, banhos, defumações, remédios para doenças do corpo e do espírito, além de técnicas para a caça ou a pesca. Acima de tudo, nos relatos, nota-se um devido respeito aos lugares, o que culmina no que Descola (1997) chama de uma relação de “homeostasia” com a natureza. Ao que tudo parece indicar, esta relação se estabelece em harmonia, pois aqui não se mostra uma separação brusca entre os domínios naturais e culturais/sociais. O natural é um domínio que participa socialmente na vida humana, mas que se deve muito em parte pelo fato dos seres que habitam as matas, os rios e os igarapés participarem ativamente na vida humana. Muitas vezes conhecidos como bichos do fundo, encantados, caruanas, mãe da mata, mãe-da-terra-preta, curupira. A relação entre os moradores e tais sujeitos é tão significativa que influencia em diversos aspectos a vida dos moradores das comunidades e das cidades (como é o caso da cidade de

⁶ Próximas ao rio.

Santarém, onde existem os pajés), entre eles posso elencar a caça, a pesca, a agricultura, “o nascimento de uma criança” (CORDEIRO, 2017). Em cada um desses elementos destacam-se um conjunto de saberes que envolvem em geral: algum tipo de cura, quando se sofre um ataque do dono da mata ou de flechada de um bicho do fundo; algum tipo de cuidado, quando é necessário entrar na mata ou no rio, para, respectivamente, caçar e pescar; e algum tipo de técnica quando se quer obter algum tipo de vantagem na vida cotidiana, mas em geral ligada à caça e à pesca. O ator que ocupa uma posição central nessa trama é o pajé. Muitas vezes conhecido simplesmente como curador, essa figura é que faz a mediação entre os humanos e os encantados do fundo e os seres da mata. Sempre que ocorre um desequilíbrio entre humanos e seres encantados/bicho do fundo, como flechada de bicho, surra da mãe da mata, em todos esses casos é ao pajé que as pessoas recorrem para que o problema seja resolvido.

Unindo as peças do quebra-cabeça, a pajelança aparece no centro do plano de fundo cosmo e ontológico de boa parte da região do Baixo Amazonas, como já defendido por Cordeiro (2017) a partir da categoria nativa “se ingerar”, e parece ir além, estende-se pelas regiões do Baixo-Tapajós e Arapiuns. A pajelança na região escolhida por este trabalho constrói-se numa relação direta com os seres que habitam os lugares, os quais muitas vezes conhecidos como encantos, em geral a casa de algum ser, podendo ser um bicho do fundo, da terra, ou mesmo do ar.

1.3 HIPOTESE

A pajelança e a relação com os encantados, mãe-da-mata, mata-terra-preta, é fundamental para a relação harmônica entre os domínios da sociedade e da natureza, e estes dois polos não estão separados, uma vez que os espaços “naturais” tornam-se cenários de relação social, constituindo interferência direta nos modos de vida dos habitantes da região em diferentes aspectos: na pesca, na caça, na agricultura, na maternidade. O ambiente constituído pelo meio natural, nesse contexto torna-se social, por ele ser a morada dos encantados, os quais tomam aspectos sociais e influenciam de maneira direta na organização da vida social.

1.4 METODOLOGIA

Em geral proponho neste trabalho, um estudo das relações entre o ser humano e o meio que habita, no caso específico, de regiões próximas à cidade de Santarém, como o Baixo-Amazonas, Baixo-Tapajós e Arapiuns Para tal empreitada conto com entrevistas e conversas feitas em diferentes contexto e datas, mas que foi coletado por mim pelo interesse do tema desde o ano de 2014. Baseio-me em trabalhos anteriores, principalmente a tese de Audirene de Sousa Cordeiro (2017) e a obra intitulada “Isso tudo é encantado” (2013), organizada por Florêncio Vaz Filho e Luciana Carvalho. Devo contar ainda com minha própria relação com o assunto, pois desde criança ouço histórias de botos, puraqués encantados, mãe-da-terra-preta, o respeito com horários em igarapés, ou em certos lugares da floresta, Portanto, o tema para mim é familiar, sendo nativo nascido no Lago Grande do Curuaí, minha infância foi vivenciada no ambiente das verdes florestas, do rio, em diferentes atividades junto dos meus avós. Inclusive as primeiras histórias sobre o universo dos encantados escutei dos meus avós.

Neste empreendimento, a prática antropológica (relação entre trabalho de campo e escrita etnográfica) é particular, pois nela está o esforço de transformar o “familiar em exótico” (DAMATA, 1978). Isso devido ao fato do autor deste trabalho fazer parte do contexto pesquisado, e por passar os 25 anos de idade convivendo entre comunidades e conhecendo muitas pessoas, e mesmo me envolvendo em contextos com práticas de cura, como é o caso do tempo em que estivesse na casa de medicina “Luz da vida”⁷. Este fato torna uma tarefa árdua, uma vez que há o desafio de não-naturalizar as categorias nativas, pois a alteridade está em causar um estranhamento em si próprio. Para isso é fundamental atribuir-lhes a carga teórico-metodológica da Antropologia.

Na pesquisa devo ir em busca das categorias nativas que mostram-se como fundamentais para compreensão da relação que busco estudar. Para isso, minha proposta é traçar os pontos em comum entre os diferentes lugares que fazem parte da pesquisa e cruzar os dados com a teoria antropológica. O objetivo central é discutir a relação natureza/cultura e testar seus limites, para em seguida chegar no conjunto de saberes que são constituídos na interação do ser humano com a

⁷ Luz da Vida é o nome da associação localizada no Caminho das Pedras, e a qual é responsável pela administração dos rituais de ayahuasca no lugar.

natureza. Para isso, parto do questionamento: como a relação com a floresta, com os igarapés e o rio influencia em diferentes aspectos na vida cotidiana, como na caça, pesca, agricultura, maternidade, medicina?

Escolhi interlocutores de diferentes lugares, alguns vindos do rio Amazonas, como é o caso do Lago Grande do Curuaí e Tapará, que são dois braços do rio Amazonas, em diferentes lugares, e cada um abarca um conjunto considerável de comunidades. As interações foram feitas nessa região, com as comunidades Cururu, Jacaré, São José, Correio do Tapará. Da região do Arapiuns pego relatos oriundos da comunidade São Pedro, Lago da Praia. Do Tapajós, por sua vez, as vozes surgem das comunidades Pajura, Amorim, Anã.

Escolhi as três localidades pelo fato das diferentes narrativas convergirem para o aspecto do respeito que os interlocutores mantêm por determinados lugares, por saberem que nesses lugares habitam agentes não-humanos que podem intervir na vida cotidiana, tanto de maneira negativa quanto positiva. Geralmente encantados, quando no fundo do rio, podem ser chamados de bichos do fundo ou caruanas e dentro da floresta podem ser conhecidos como de mãe da mata, mãe-da-terra-preta, curupira. Neste cenário a pajelança mostra-se como fundamental, pois os pajés são os que mantêm relação direta com os seres da natureza, os quais são os guias e são eles que ensinam os conhecimentos aos pajés. Além disso, está associado aos encantados do fundo e seres da mata um conjunto de saberes, alguns ritos como pedir licença quando se vai há um determinado lugar como cabeceira de igarapé, conforme relatado por seu Livaldo; oferecer cachaça aos botos para pescar em certos ambientes, como expressado por dona Dica; evitar ir em tais lugares encantados quando se está no período menstrual no caso de mulheres, o marido não “judiar” (explicar o termo aqui) de animais quando a mulher está grávida para que “aquilo” não se vingue na bebê, como relatado pela morada de uma comunidade do Lago Grande do Curuai, dona Maria. O cuidado com a criança verde, como chamam na região se encontra muito bem detalhado no trabalho de Audirene de Souza Cordeiro que etnografou na cidade de Parintins os primeiros cuidados que se tem ao nascer, o resgarde, o banho, o cuidado com o umbigo:

“Ainda antes do nascimento, alguns ritos são realizados para curar as roupas do(a) recém-nascido(a), afim de que as peças possam servir de escudos de proteção do corpo contra o ataque dos bichos do fundo. Durante os quarenta dias de resguardo, uma série de restrições – e diversos ritos são realizados visando a construção de um corpo saudável, forte e não suscetível a várias doenças e/ou ataques e flechadas dos bichos do fundo.” (CORDEIRO, 2017, p.68)

Para desenvolvimento teórico acerca do tema que propus a abordar, sigo os trabalhos principalmente de Bruno Latour (1994) com sua crítica a Modernidade e suas consequências, em diálogo principalmente com Descola (1997, 2001, 2015), com sua contribuição aos estudos das ontologias amazônicas, e Tim Ingold (2012), com a antropologia da vida. As narrativas neste trabalho são tratadas como “fenômenos da experiência” (INGOLD, 2012), isto é, surgem a partir de situações vivenciadas por moradores de comunidades próximas à Santarém/PA e contam algumas de suas histórias, e a partir delas, desenham um pouco do plano de fundo cosmológico da região.

Como resultado de um campo que há anos venho acompanhando, valho-me de relatos moradores das comunidades do Baixo-Amazonas, Baixo-Tapajós e Arapiuns, assim como vivências em algumas dessas comunidades. Sigo a linha de que na Amazônia as cidades são dentro da floresta e não podemos firmar uma brusca separação entre o campo e a cidade. Todos os meses moradores de comunidades vem visitar seus parentes em Santarém, vender, produtos, receber benefícios sociais. E o contrário também acontece, moradores da cidade vão visitar parentes que moram nas comunidades, as vezes em períodos de férias, ou vão ver como estão os negócios. Fluxos de pessoas, produtos e ideias passam por Santarém, e podemos encontrar dentro da cidade muitos ex-moradores de comunidades, como é caso de alguns de meus interlocutores, que idosos decidiram passar o resto da vida na cidade. Bem como pessoas moradoras de comunidades que estão de passagem pela cidade.

1.5 LUGAR DE ONDE ESCREVO

Falo a partir da cidade Santarém, localizado na região oeste do Pará, conta atualmente com uma população de aproximadamente 300.000 habitantes, é antiga habitação indígena. Os primeiros navegantes europeus que passaram pela região do Baixo Amazonas se depararam com uma grande ocupação indígena que “não parece merecer a conotação de aldeias que lhe tem sido dada; uma leitura atenta das primeiras fontes sugere um padrão de assentamento contínuo ao longo de quilômetros de margens fluviais e provavelmente quase linear” (PORRO, 1997, p.176). Os estudos arqueológicos vão além, supõe que o lugar já conta com a presença humana há pelo menos 3.000 A.P. Santarém situa-se em um lugar privilegiado, geograficamente falando, este fato justifica a preferência tanto dos indígenas quanto dos portugueses por esse espaço, isto porque está na confluência dos rios Amazonas e Tapajós, sendo importante rota para a navegação amazônica, ainda hoje muito utilizada e desejada por interesses de multinacionais como a Cargil, que implantou uma filial na cidade um porto para escoamento de grãos. Devo salientar ainda que o meio fluvial é imprescindível à vida das populações amazônicas.

Esta cidade, assim como outras do Baixo Amazonas (Obidos, Alenquer, Monte Alegre...) passaram de morada dos povos originários da terra para colônia portuguesa, e ao longo do tempo suas configurações políticas, habitacionais e cosmológicas foram sendo alteradas pela dinâmica de dominação colonial. O contato inter-étnico foi, para os povos originários da região amazônica, um processo violento que causou a morte de partes de população tanto por contágio de doenças bem como por guerra e perseguição (processos de descimentos) obrigou a cada vez mais adentrar os centros. Para ilustrar o cenário, segue o trecho de João de Souza Ferreira (VXII) que Antonio Porro nos trás ao tratar sobre o genocídio e também da resistência por parte dos indígenas na região amazônica:

“(...) E assim permaneciam (...) uns matando aos senhores e fugindo, outros comendo terra e morrendo e as fêmeas tomando medicina para não gerarem (...) Comprava um morador dois escravos e antes que pudessem pagar lhe morriam ou fugiam; tornava a comprar outros e outros, e sempre devia mais do que granjeava.” (PORRO, 1996)

Desde o século XVI até os dias de hoje, diferentes políticas já se voltaram para a questão da ocupação amazônica em diferentes dinâmicas, do que parece um mesmo processo (de dominação): sesmarias, descimentos por parte das missões políticas da ditadura em militar e o contexto atual. De modo generalizado, as diferentes ocupações que sucederam na Amazônia foram violentas e causaram muito impacto nas dinâmicas da vida das populações.

A análise da cerâmica arqueológica de Santarém feita por Denise Gomes (2001) infere que é uma cerâmica ritual, e era descartada de maneira proposital após seu uso, isso explicaria os bolsões encontrados em frente a cidade, onde hoje está instalada o porto da multinacional Cargil. A autora interpreta os significados das representações iconográficas, apoiando-se principalmente no Perspectivismo Ameríndio, teoria formulada por Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) e Tania Stolze Lima (1996) e utilizando o método de comparação etnográfica, ela defende que na cerâmica se expressa “uma manifestação associada ao xamanismo, a partir das diversas representações antrozoomorfas e dos grandes vasos contendo efígies de homens sentados segurando chocalhos” (Gomes apud Gomes 2001)

Assim como Santarém, os lugares de onde retiro os relatos são sítios arqueológicos e em muitos desses, os moradores estão num processo de emergência étnica, como é o caso de alguns lugares do Lago Grande do Curuai, Baixo-Tapajós e Arapiuns. No entanto, devo ressaltar que, no Baixo Tapajós, esse é um processo que tomou forças no início dos anos 90, e nesse enredo destaco a posição tomada pelo pajé Laurelino (VAZ, 2010) morador da comunidade Takuara, o qual sempre se firmava como indígena e por isso defendeu suas penas. Laurelino foi um respeitado pajé, que realizava curas e, além de grande conhecedor dos conhecimentos oriundo dos rios e da floresta, foi também uma importante liderança do baixo-tapajós. Seu posicionamento é importante, pois reviveu, no sentido de dar forças a identidade étnica e pajelança que veio sofrendo ataques há vários séculos, e recente por conta de alguns setores da igreja católica e pela chegada da medicina ocidental.

“Com a presença mais permanente dos padres, os pajés já não detinham o mesmo espaço. É muito comum, hoje, os pais se recusarem a aceitar que um filho tenha o dom de curador. Eles

procuram, de todas as formas, “tirar” isso da criança, pois acham a prática do pajé condenável e inaceitável(...)”. (VAZ, 2010)

1.6 APRESENTAÇÃO DE CAPÍTULOS

Este trabalho está dividido em 4 capítulos. No capítulo 2, debruço-me sobre questões teóricas necessárias para o avançar em aspectos etnográficos. A principal discussão é acerca dos polos Cultura e Natureza e sua limitação para explicar a realidade das comunidades da região delimitada neste estudo, para isso, conto com a ajuda da crítica de Bruno Latour (1994) à Modernidade e suas consequências. Posteriormente, no mesmo capítulo, trato sobre abordagens contemporâneas da relação entre os polos, dentre elas, destaco o *Perspectivismo Ameríndio* (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002) e o *Animismo* (DESCOLA, 1997, 2001, 2015). Ao final do capítulo entro dentro do universo das comunidades próximas a Santarém do Pará.

No capítulo 3 trago aspectos etnográficos, onde trago relatos de pessoas que conheço desde criança e outras que fui conhecendo durante os anos em que estive na universidade. Ao mesmo tempo, vou comentando sobre os contextos em que conheci tais pessoas, e exponho neste capítulo algumas histórias que estas pessoas me relataram. Dou ênfase em dois aspectos, na relação entre as pessoas e os lugares (floresta, rio, igarapé, olho d’água) que são moradoras dos encantados e em outro momento me atento à questão da pajelança e descrevo alguns aspectos que dizem respeito aos pajés.

O capítulo 4 é a conclusão, onde retomo todas as discussões.

2. TERRA DE ENCANTADOS UM ESTUDO DE ECOLOGIA E COSMOLOGIA

Um dos argumentos levantados pelos povos que habitam as comunidades é de que muitos lugares são sagrados, ou são encantados, ou é onde habita a ancestralidade, e isto na cosmologia local é algo realmente significativo porque a relação com o ambiente aqui não se mostra somente a questão de ser um lugar, mas por ele ser intrínseco à vida em vários aspectos: fonte de alimento, matérias-primas, a religiosidade e os próprios conhecimentos. Isso sugere que é um modo de vida integrado ao meio, onde há uma relação de interdependência entre as coisas. Em geral os saberes que se constroem com/sobre a floresta, os rios, os bichos, as plantas e outros agentes, estão difusos. Muitas vezes passados de geração a geração (caso do conhecimento sobre maternidade, muitas informações são passadas de mãe para filha, como é o exemplo do resguardo de 40 dias da criança para que a criança não seja atingida) são conhecimentos que estão abertos a atualizações. São diversos os sujeitos detentores de conhecimentos no meio da vida amazônica, dentre entre eles mateiros, construtores de embarcações, garrafeiros, parteiras, erveiros, puxadores, contadores de histórias. Porém, dentre todas estas categorias, uma se destaca por seu vasto conhecimento que advém de uma relação direta com o cosmo, pois o pajé estabelece contato com os encantados, tendo a sua formação na escola do fundo. Tal como se imagina na cabeça de um físico teórico, o pajé tem a capacidade de atravessar o cosmo e adentrar outra realidade, o “*encante*”. E tal como um médico tem o conhecimento para tratar de enfermidades diversas, o curador sacaca (pajé) também tem o dom de curar. Em alguns casos específicos, o único tratamento possível é através da pajelança, quando, por exemplo são acometidos por ataques de bichos do fundo, ou por algum ato de feitiçaria.

Usando como embasamento teórico a Antropologia Simétrica de Bruno Latour, principalmente sua obra “Jamais fomos modernos” (1994) em diálogo com a Etnologia, e levando em consideração o “*ingeramento* como potência cosmo-ontológica do Baixo Amazonas” (CORDEIRO, 2017, pag. 70) e pela grande contribuição de obras como “Tudo isso é encantado” (2013) organizado por Florêncio Vaz Filho e Luciana Carvalho, este trabalho foca nas relações mais íntimas do ser e o meio que habita. No presente contexto, não há uma distinção

clara, assim como é no ocidente, daquilo que é natural e daquilo que é social. Aqui a natureza participa socialmente da vida humana, vivenciam uma gama de relações que engendram uma serie de saberes. Existem diversos sujeitos que habitam alguns lugares específicos, como olhos d'água, cabeceiras de igarapés, rios, igapós, algumas árvores, lugares da floresta. Os humanos têm que conviver com tais sujeitos e com eles estabelecer uma conduta para não ultrapassar os limites impostos para que não ocorra desequilíbrio, alguns exemplos, são os casos de caçadores que abusam e são “judiados”⁸ pela mãe-da-mata.

Partindo de uma discussão sobre a limitação do dualismo natureza/cultura para explicar a realidade dos povos amazônicos, pretendo chegar nos saberes produzidos na relação íntima dos moradores das comunidades e o meio ambiente ao redor, mais especificamente, quero saber como surgem e quais são as técnicas, medicinas, modos de perceber que estão dentro desse sistema que não separam e se misturam natureza e cultura. O contato direto com a floresta, com o rio, com os animais é espontâneo e sua relação é de interconhecimento, pois os saberes mostram-se produzidos de maneira integrada ao meio, isto em níveis práticos da vida cotidiana e cosmológicos. No fundo, o que se forma é a harmonia com o meio, devido ao respeito pela imensidão da floresta e a profundidade do rio, neste universo alguns seres como os pajés conseguem visitar os encantos e mesmo recebem visitas dos habitantes do fundo.

2.1 NATUREZA E CULTURA NOÇÕES EM DEBATE.

Os termos Natureza e Cultura são conceitos fundamentais para a Antropologia como disciplina, temos inúmeros trabalhos que tratam acerca desses domínios. O fato, além disso, é que a separação em dois polos dá sentido ao mundo ocidental, pois, segundo Bruno Latour (1994), todo o conhecimento a partir da modernidade se fundamenta na separação de tais domínios, de um lado temos o mundo social imanente aos seres humanos e de outro, um mundo transcendental pertencente aos não humanos. Existem ciências específicas para estudar a Natureza, dentre elas a Biologia, Física, Química; assim como temos ciências

⁸ Maltratados

específicas para estudar a sociedade, como a Sociologia, Antropologia, Economia etc. O problema surge quando se pretende estender esse modelo para explicar outras sociedades, o que não cabe, uma vez que tal separação é específica do ocidente. Em muitas sociedades não existe uma linha que delimita fronteiras exatas entre a Natureza e a Cultura.

Em “Jamais fomos modernos” Bruno Latour (1994) apresenta uma crítica à modernidade, a qual, segundo ele, separa a realidade em dois domínios, o primeiro é das coisas em si (natureza, ciência, objeto, transcendência), o segundo pertence aos homens entre si (sociedade, política, sujeito, imanência). Esse processo de separação o autor denomina como purificação, de um lado as ciências da natureza e de outro as ciências da sociedade, cada uma com a área de conhecimento bem delimitada, não podendo misturar as coisas.

No entanto, o que a modernidade cria cegamente, segundo Latour, é a proliferação dos híbridos, os quais são mistos de natureza/cultura, pois o vírus da AIDS, por exemplo, envolve diversos agentes, sendo ao mesmo tempo relacionados a políticas públicas de saúde, laboratórios, campanhas etc. O autor dá exemplo de conteúdos presentes nos jornais que perpassam vários temas que são híbridos de ciência, política, economia, direito, religião, técnica, ficção. O que Latour nos traz de novidade aqui é a noção de rede (ou tradução), pois para ele os híbridos funcionam por meio de redes, onde agentes humanos e não humanos, naturais e sociais, estão ligados uns aos outros. Aí está o papel da Antropologia, neste caso da Antropologia Simétrica: fazer o trabalho de mediação (junção natureza-sociedade), isto é o processo de reconhecimento dos híbridos (descrever o que os híbridos fazem).

Em contraponto, Latour mostra a insuficiência da naturalização, da socialização e da desconstrução, por limitarem-se, respectivamente, a fatos naturalizados (por negar o social), poder sociologizado (por negar a ciência/técnica) e efeitos de verdade/discurso (jogos do poder). A crítica a esse trio se dá pelo fato de cada um se encaixar em um polo, ou seja, entrar no esquema da purificação. Latour aponta que essa separação, purificação, é justamente por tais teorias estarem dentro do pensamento Moderno. O exemplo contrario disso é o caso da Antropologia quando se dedica ao estudo de sociedades que não são os ocidentais, onde no resultado do trabalho se conclui em uma etnografia que move,

parafraseando Latour, “os céus e a terra”, colocando no mesmo lugar mitos, genealogias, etnociências, etc. Isto porque tais sociedades não são modernas, ou seja não fazem essa separação entre natureza e sociedade. É neste ponto que Latour quer chegar: jamais fomos modernos.

No caso do mundo ocidental, para ilustrar (como um mito) o nascimento da modernidade, o autor expõe o caso da discórdia entre Hobbes e Boyle, o primeiro conhecido pelo famoso *Leviatã* e o segundo por criar a bomba a vácuo. A alegoria nos dá ideia de uma perfeita separação entre sociedade e natureza. Cada um dentro de seu domínio, purificados. Latour acusa a Modernidade de criar híbridos de humanos e não humanos, onde todos possuem agência, justamente por estarem em rede, então nesse sentido, um simples recinto de laboratório torna-se um agente não-humano”.

2.2 PERSPECTIVA DA ETNOLOGIA SULAMERICANA.

O que a Antropologia traz de inovador nesse cenário é sua contribuição etnográfica. Os inúmeros trabalhos de campo, muitos oriundos da Etnologia Indígena, em diferentes sociedades, demonstram que as relações natureza e cultura não expressam a mesma relação e significado. Esse fato nos coloca diante de uma quebra de paradigma em relação à visão com tendência hegemônica do ocidente, que vê nessa relação polos distanciados e universais, pois tais etnografias nos colocam diante de realidades outras, onde o binômio natureza/cultura se dissipa, uma participando da outra. Uma ilustração são as teorias modernas que trazem concepções com outras propostas no que se refere a cosmologia e cosmogonia, dentre eles destaco o Perspectivismo Ameríndio formulado por Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) e Tânia Stolze Lima (1996) e o Animismo de Descola (1998) e seus estudos de Ecologia e Cosmologia.

Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) argumenta que para o mundo ocidental a Cultura é o que separa a humanidade da animalidade (além de servir como marcador de diferença entre as diversas sociedades humanas existentes) e, a Natureza é aquilo que une (nosso parentesco com os chimpanzés por meio do DNA), este modelo também é conhecido como “Multiculturalismo”. Para muitos povos da América do Sul, ao contrário, a Cultura é imanente a diversos seres

(humanos, animais, espíritos), sendo, portanto, continuidade, ao passo que a Natureza é o que acentua a diferença, propondo descontinuidades e emanando particularidades, por isso o destaque do corpo. Vale lembrar que a centralidade do corpo nas sociedades indígenas da América do Sul já está presente no artigo denominado “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras” (SEEGGER, DA MATA, VIVEIROS DE CASTRO, 1979). É a partir do corpo que o sujeito tem a experiência do mundo. O corpo para as sociedades ameríndias, não representa apenas um marcador de diferença e identidade, mas também de ponto-de-vista, pois é no corpo que estão presentes as afecções e capacidades do sujeito. Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) ressalta que “não existe uma transformação espiritual sem antes haver uma transformação corporal”. O corpo aqui é uma forma animal, uma espécie de roupa, que por debaixo esconde uma essência humana, podendo ser traduzida como “alma” (comum a muitos seres). Alterando o corpo, altera-se a perspectiva, passa-se a olhar e experimentar um mundo diferente. No espaço altamente transformacional, onde diferentes seres podem obter diferentes perspectivas, os xamãs, por exemplo, podem usar ornamentos ou roupas rituais para obter diferentes perspectivas. Entre os Desana, por exemplo, existe na cosmologia seres que são capazes de tecer vestidos com poderes mágicos, podendo assumir diversas aparências, tais seres são conhecidos entre eles como pajés *weari masa*, como expressado no mito “*Boreka siu wi'hõ wihl weari masá suri sua boeyumi kere*” História de *Boreka* que cheira paricá e ensina a tecer os vestidos dos pajés *weari masá*” presente no livro “livro dos antigos Desana-Guahari- Diputiro Pora” (GALVÃO & GALVÃO, 2004). Tais pajés tem o poder de tecer os vestidos e copiar aparências de pessoas e bichos, ao usar o vestido, o pajé *weari masa* muda de forma. O vestido (roupa) aqui tem a função instrumental de fazer alteração no corpo.

No mito de origem do mundo ocidental (“mitologia científica”) o plano de fundo da vida é animalidade, foi a partir de certo tempo que nos tornamos humanos, adquirindo linguagem, cultura, atributos que nos separam, neste caso, da animalidade. Os mitos ameríndios, segundo VIVEIROS DE CASTRO (1996, 2002) nos dizem ao contrário, eles falam de um tempo onde todos os seres eram humanos, todos estabeleciam entre si a comunicação. Foi depois, aos poucos que os seres foram se distanciando entre si. Além dos mitos, outro ponto que põe em

relevância a maneira como os povos ameríndios estabelecem a relação entre Natureza e Cultura está na figura do xamã⁹, pois ele tem a capacidade de adquirir outras perspectivas e entrar em comunicação com outros seres. Esta relação, onde a diferença está acentuada na Natureza, partindo do pressuposto que descontinuidade está nos corpos e continuidade a partir da Cultura alma, ou seja na humanidade, é chamada por Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) de Multinaturalismo.

Os conhecimentos dos povos amazônicos estão em evidência nos últimos anos, é o que nos mostra Descola em um artigo intitulado “Ecologia e Cosmologia” (DESCOLA, 2008). Em tal artigo, o autor argumenta que os conhecimentos dos povos amazônicos engendram-se numa relação de “homeostasia” com o meio ambiente, refletindo em formulações cosmo e ontológicas que operam uma natureza-cultura diferente do mundo ocidental, propondo a continuo ser humano e meio ambiente. Neste caso, saberes, território e meio ambiente são três coisas inseparáveis, pois os conhecimentos dos “povos da floresta” são locais, constitui-se em relação direta com a floresta, com o rio, a fauna. As relações sociais aí se estabelecem na socialidade com diversos tipos de sujeitos: espíritos, donos de lugares, encantados, bichos do fundo. Os quais, direta e indiretamente influenciam em diversos setores da vida social dos povos amazônicos, alguns exemplos estão na caça, pesca, agricultura, maternidade.

Destaco o “ingeramento”, proposto no trabalho de Audirene de Sousa Cordeiro (2017) como categoria fundamental para explicar o universo cosmológico da área delimitada desse trabalho, pois tanto no Baixo Amazonas, Baixo-Tapajós e Arapiuns a categoria é utilizada pelas pessoas para falar da capacidade transformacional que alguns seres tem, dentre eles estão os *bichos do fundo* (*caruanas*), *encantados* e *pajés*. O “ingeramento” parece fazer parte do esquema conceitual que Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) denominou como “Perspectivismo Ameríndio”, pois na cosmologia local o botos, puraquês, cobras e outros bichos podem se transformar em humanos e o contrário também é possível, os pajés (que são humanos) podem se transformar em cobras, onças.

⁹ Na região conhecido como pajé, muitas vezes somente como curador ou sacaca.

O ambiente entra aqui como espaço social, pois lugares específicos são as moradas desses seres. Dentro da floresta a figura que se mostra como mãe-da-mata (anhangá, curupira) é o protetor da floresta, dos animais, segundo moradores de comunidades ele “judia” de caçador que maltrata a caça, desrespeita a floresta. Ainda na floresta, tem a mãe-da-terra-preta, que pode se transformar na figura de uma criança (como me contaram no Lago Grande do Curuai) ou como serpente (como me foi relatado por moradores do Arapiuns), tal agente tem poder de fazer secar igarapés, matar plantações, está, portanto, diretamente associado a agricultura na vida social dos humanos. Nos igarapés é morada da mãe-do-igarapé, em geral são estabelecidas regras de convivência entre os humanos e a mãe-do-igarapé, como o respeito ao lugar, horários em que não se pode trafegar como 6 horas da tarde, não sujar o igarapé. Se não é obedecido, ela também pode “judiar” da pessoa. No rio, é lugar que parece ser mais emblemático, pois é onde estão as cidades do fundo, conhecido também como encante, é a morada dos bichos do fundo, mas também é onde estudam os *pajés sacacas*. Muitos dos relatos contam é uma cidade onde habitam todos os bichos, que entre si se tratam como humanos, na cidade existem casas, hospitais, escolas, fazem festas, enfim existem todos os atributos que fazem parte de uma cidade como Santarém, por exemplo. Para expressar tal dimensão, seu Rosa, morador da comunidade Cururu pronuncia a seguinte frase: “Tem mais olho no fundo que fio de cabelo em cima da terra”. Inúmeros são os relatos que circulam na região sobre os encantados e as cidades encantadas, muitos falam inclusive em portais que ligam nosso mundo à cidade do fundo. Na região do Lago Grande do Curuai, há um lugar que é um aningal, e muitos que passaram por lá já escutaram ou ouviram coisas fora do comum, por exemplo: pessoas conversando, varrendo terreiro, achando graça, e mesmo boto entrando dentro d’água. O pajé Ariramba, que andava pela região do Lago Grande do Curuai falou que do Inanu até o Carariacá é uma cidade encantada.

Os bichos do fundo, moradores das cidades encantadas, mantêm contanto com os humanos através do ingeramento, podendo se transformar em humanos para se comunicar com os mesmos, como é o caso do boto que se transforma em moço e circula entre as festas em noite de lua, ou mesmo os moradores do fundo podem incorporar no corpo do pajé para tratar de algum paciente. Muitas vezes, os doentes que chegam aos pajés já saíram das mãos de

médicos que não os conseguiram estabelecer uma cura, isto porque os enfermos estão com doenças que não pertencem à médicos, sim à pajés, estes por sua vez chamam suas curas de “trabalho”, isto porque exercer um ritual que envolve danças, cantos, materiais de diversas ordens. Inúmeras são as doenças que só podem ser curados por pajés, dentre elas são o *roubo da sombra*¹⁰, *mau olhado de bicho*¹¹, *judiaria*¹².

2.3 TERRA DE ENCANTADOS, CONVIVENDO COM OS DONOS DO LUGAR.

No caso do recorte deste trabalho, o que se segue é um universo no qual a floresta, o rio, as serras, olhos d’água, são todos fundamentais para as socialidades complexas, onde participam encantados como botos, puraquês, cobras-grandes, ou seres da mata, como o mãe-da-mata, mãe-da-terra-preta e humanos. A existência desses seres torna os lugares sagrados, ao ponto de se pedir licença para passar na mata ou entrar no rio. Os moradores da região buscam sempre o respeito com relação aos lugares, o que se reflete na conservação da fauna, da flora, nascentes. Certamente, pelo fato de o lugar ser “encantado” configura-se ali uma série de atributos como restrições de horários, licenças, oferendas.

“Essa concepção de que praticamente toda a natureza ao seu redor é encantada expressa uma realidade: a vida dos moradores das *comunidades* do interior do Baixo Amazonas está ligada de forma umbilical ao meio ambiente, principalmente a mata e a água” (VAZ, 2013)

A exemplo disso, quando estive na comunidade Takuara, em ocasião da comemoração da festividade de São Benedito tive a possibilidade de observar o comportamento dos moradores da comunidade quando estes estavam a banhar-se no rio. Certo dia, eu estava tomando banho no rio e logo chegou um grupo de crianças, bem provável que eram irmãos. Antes do mais velho mergulhar no rio, o vi

¹⁰ Costuma-se dizer na região que a pessoa está assombrada, isto é, está sem alma, podendo morrer e, posteriormente se “*ingerar*” no bicho que roubou a alma.

¹¹ Quando o morador do fundo olha pra alguém da terra, ou se agrada, a olhada pode causar dores de cabeça e distúrbios na pessoa que é acometida pelo fato.

¹² Em geral está ligada a feitiçaria, acontece que alguém fez algum trabalho para prejudicar a outra pessoa.

se benzer com o *sinhal da cruz*¹³ e depois entrou no rio. Dias atrás, na mesma comunidade, vi um tio falar ao sobrinho, notificando o horário, pois ele argumentou que depois das 18 horas, é “hora do encantado” que mora perto daquele lugar. Os horários como às 6 da manhã, 12 horas e 18 horas são considerados sagrados, pois são momentos em que o encantado do lugar específico aparece. Portanto, a recomendação é de não passar pelos igarapés, olhos d’água e rios nesses horários. Além dos horários, outros cuidados devem ser tomados, mulheres em período de menstruação não podem passar pelos lugares que são moradas dos encantados, pois eles podem sentir o cheiro do sangue, consequentemente a mulher que passa pelo lugar fica doente, um dos sintomas mais comuns é sentir fortes dores de cabeça e delírios.

Inúmeros são também os exemplos de caçadores que já presenciaram a mãe-da-mata, em alguns casos como o que me foi relatado na comunidade Mentaí, o caçador não teve o devido respeito e foi judiado pelo curupira, este é tido como o protetor das florestas e dos animais, sua morada, dizem é a Samaúma. Um dos outros atributos do curupira é sua capacidade de fazer as pessoas se perderem dentro da floresta, para isso não acontecer, quem passa por ali deve oferecer tabaco e cachaça a ele. Quando a mulher está gestante, o marido não pode maltratar os animais, pois pode se “vingar” no feto e prejudicar futuramente o desenvolvimento da criança, por exemplo, um marido não pode matar tracajá¹⁴, pois a criança pode nascer com as unhas de tracajá, ou dedos emendados. Ocorrendo algum problema com os seres encantado, é ao pajé que recorrem.

Um ponto chave nessa trama é que os bichos do fundo e mesmo os que moram na floresta podem assumir diversas formas e isso não se resume aos animais e humanos, mas entram nesse universo, plantas e até mesmo objetos. É comum chegar em qualquer comunidade e ouvir assim: Ah! Fulano se “ingera”! Isto é, ele se transforma em animal, podem variar, ouvir histórias de pessoas que tomam formas de onça, porco-do-mato, boto, cobra-grande – em geral as pessoas que tem essa capacidade são os pajés e feiticeiros, entre os Munduruku, por exemplo, existe o pajé bom e o pajé brabo, este último é conhecido por se ingerar, muitas vezes em onça, é tido como perigoso e feiticeiro, se descoberto ele pode ser morto, como já

¹³ Ritual cristão usando ao início e fim de uma oração

¹⁴ Quelônio da Amazônia.

ouvi alguns casos de “*pajés brabo*” que foram mortos depois de descobertos. Algumas plantas também têm essa capacidade, como é o caso do tajá onça que é uma planta e assume forma de onça, o cipó “mariri”¹⁵ que pode assumir forma de cobra e onça, as trepadeiras conhecidas como “jibóia” que toma forma de cobra. No caso das plantas que se “ingeram”, elas podem ser “curadas” para servir como plantas de defesa das casas, ou como no caso do tajá onça pode ser usado por um caçador/pescador para obter sucesso no seu trabalho. Além dos humanos e plantas, os encantados, bichos do fundo e seres da floresta também são famosos por se “ingerar”, podendo assumir formas diversas, humanos e animais, até mesmo forma de alguém conhecido para seduzir uma pessoa. É importante deixar claro que esses seres permanecem em ambivalência com os moradores, podendo por vezes atacar ou em outros casos ajudar, quando aliado a um pajé, por exemplo, pode ajudar em um processo de cura.

O trabalho de Audirene de Sousa Cordeiro (2017), propõe que a categoria “se ingerar” seja uma potência cosmo-ontológica do Baixo-Amazonas, e neste ponto se justifica a hipótese do meu trabalho, a qual argumenta que a pajelança e a crença nos encantados, seres da mata, da terra e do ar, são fundamentais para a relação de “homeoastasia” (DESCOLA, 1997) com o meio. Disso resulta um respeito pelos lugares, animais e plantas, que são consideradas sagradas. Dou um maior destaque ao caso específico dos lugares, por neles habitarem encantados quando no fundo do rio, igarapés, olhos d’água, ou por vezes a mãe da mata, curupira, quando dentro da floresta. Surgem nesse contexto inúmeros ritos, como fazer oferendas de tabaco para o curupira ou cachaça para os botos, e mesmo proibições de pescar em certos lugares como aningais, concebidos muitas vezes como portas para os encantos, todas essas consequências, podemos, definir como “curas”. A cura dentro desse contexto cosmológico é muito mais do que se livrar de uma doença com remédios e terapias como na medicina ocidental. A cura abrange uma significação transformacional, um processo onde um sujeito ou objeto pode sofrer uma modificação no seu corpo para possuir capacidade que antes não tinha. No último capítulo vou me deter um pouco mais nesse aspecto, pois aí está um grande eixo nos quais circulam uma série de saberes dos povos amazônicos. Abaixo, vou

¹⁵ *bannisteriopsis caapi*

mostrar um processo de cura feita pelo pajé Mirandolino, relatada pelo seu Livaldo¹⁶, morador da comunidade São Pedro, do rio Arapiuns. Ele soube, por alguma razão, que eu me interessava pelo tema da pajelança na região. E, eis que ele foi o primeiro a me relatar as estórias do famoso pajé Merandolino, debaixo de umas árvores próximas a um viveiro de plantas com espécies florestais, ele me relatou a seguinte narrativa:

Senhor Flávio, ele me contou a seguinte história que ele tava muito doente, e aí todo mundo achava que ele já ia morrer. Ele morava lá naquele meio da comunidade São Pedro e o Merandolino morava lá na boca do Mentai, entre o Maró e o Aruã. E foram então buscar o Merandolino, chegaram lá e falaram pra ele e ele disse: não ele ainda não vai morrer... e levem a bagana desse meu tauarí, e chegando lá acendam e peçam pra ele dar só uma puxada na fumaça; e fizeram do jeito que o Merandolino orientou. Quando o seu Flávio, na visão dele, quando ele puxou a fumaça ele viu uma cobra na ponta do dedo do pé. Ele tava deitado, ele viu a cobra, a cobra vinha por cima dele cheirando e tal e quando chegou no nariz ele apagou desta vida e passou pra uma outra dimensão, daí ele se vê descendo, em direção pra beira do rio. Chegando na beira do rio tinha uma moça linda com água pela cintura chamando ele pra entrar no rio, ele foi convencido a entrar na água e pediu pra ele mergulhar, ele mergulhou...e nesse mergulhada ele fez uma viagem pelo fundo do rio Arapiuns até aqui na Ponta Negra perto de Santarém. E ele conheceu muitas cidades no fundo do rio e a moça dizia pra ele não pegar nada senão ele ficava pra lá, e chegando aqui na Ponta Negra ela disse: agora você já pode voltar, já sabe o caminho de volta, e ele voltou, e então ele se recorda quando todo mundo tava chorando em cima dele, achando que ele tinha morrido...” (Seu Livaldo, 60 anos, Rio Arapiuns)

Essa relação se atualiza nas histórias (como acima) vivenciadas por pescadores, caçadores e moradores das comunidades. Tais “fenômenos da natureza” (INGOLD, 2012) reforçam a manutenção de equilíbrio com meio, mantêm

¹⁶ Além de trabalhar no Projeto Saúde Alegria, (organização não governamental que atua com ações sociais em comunidades ribeirinhas nas proximidades de Santarém) é músico e vive sua vida entre a cidade e sua casa situada na comunidade de São Pedro

o estoque de caça nas matas e reservas de peixes nos rios. Abaixo cito um relato de um valioso interlocutor deste trabalho, seu Elves o qual conheço há muito tempo da comunidade onde nasci, Cururu do Lago Grande do Curuaí, em ocasião fiz esta entrevista em seu ateliê de cerâmica. Ele atualmente atua como professor e arte-educador, mestre de cerâmica. Viveu mais de metade de sua vida, transitando entre comunidades, e nasceu e se criou na comunidade Cururu.

Lá na comunidade onde nós morávamos tinha um lugar muito respeitado, era num lugar que tinha muito peixe. No verão quando o rio secava, ali ficava tudo alagado. Todo mundo sabia que ali tinha tracajá, que tinha pirarucu, várias espécies de peixes, como se fosse um criadouro, mas ninguém ia lá mexer, porque lá era um lugar sagrado, era um 'encante'. Se alguém fosse lá mexer, podia acontecer alguma coisa, podia ser encantado, alguma coisa de ruim poderia acontecer. Então, de certa forma isso ajuda até a própria natureza né, porque ali é, no verão, os peixes ficavam se procriavam e no inverno quando as águas enchiam novamente, eles voltavam já com os filhinhos pra continuar a reprodução e preservação das espécies que ali viviam. Então de certa forma o encanto era bom e ruim, porque ajuda a natureza, mas é ruim porque as pessoas têm medo. Quem morava ali perto escutava barulho de movimento de pessoas, como se viessem de lá do fundo do rio. Era um encanto né, uma região grande em torno de um aningal, aningal é um lugar onde tem muitos pés de aninga, aninga é como se fosse uma tajá, uma tajá do rio, ela cresce acima da superfície, as vezes ela cresce até em torno de 3 metros. E ali era tomada pelo tajá, e ali perto tinha uma outra vegetação que nós chamamos de matupá, que é um lugar assim como se fosse uma areia movediça, que ela cria várias camadas, ela fica mole, se a pessoa pisar em cima ela afunda né, e se você quiser puxar uma canoa também fica difícil, ela dificulta a passagem. Então, era como se fosse um criadouro lá, no encanto, e as pessoas ouviam o galo cantar, pessoas cortando de machado, conversando, mas não viam ninguém só ouviam né, principalmente a noite, de madrugada. Então aquele local ali, né, próximo a comunidade chamada de Pedreira, onde tinha esse aningal, era um lugar muito farto, mas era um lugar onde as pessoas também não derrubavam, não cortavam as árvores, não tiravam a vegetação,

porque eles tinham assim esse receio, medo daquele lugar que era do encanto.(...) Não poluíam as fontes de água, porque sempre diziam que na fonte de água sempre tinha as 'mãe d'água, geralmente era um ser em forma duma m'bóia (cobra), duma piranhanbóia, trairanbóia que são animais não muito comum, geralmente são animais que pela sua características eles trazem um certo medo, porque a trairambóia, a piranhanbóia eram espécies de peixe que quando mordiam era fatal. Então, isso fazia com que ninguém mexesse no olho d'água, no verão quando saíam os olhos d'água, todo mundo preservava. (Seu Elves, Baixo Amazonas)

E deve-se levar em consideração que alguns relatos contam fatos da infância, da vida adulta e mesmo casos recentes. Portanto, a temporalidade está numa cronologia que segue passado e presente em confluência. No caso do Lago Grande do Curuai (Baixo-Amazonas), meus interlocutores falam inclusive das mudanças ocorridas ao longo do tempo, principalmente após a chegada da pesca comercial em larga escala, que afetou a maneira de pescar, e em certo sentido os processos produtivos e as relações de trabalho (puxirum). Inserem-se aí novas técnicas, malhadeiras de nylons, embarcações e geleiras para conservar o peixe. Novas práticas originam-se na região nesse processo, uma delas é o de arrastão, técnica considerada predatória, e gerou conflitos entre moradores, posteriormente chegam os acordos de pesca.

Além disso, Audirene de Sousa Cordeiro traz a questão da agência (se fundamenta em Gell 'Art and Agency'), onde os bichos-do-fundo se mostram como fundamentais para as práticas de cura em Parintins, referindo-se a eles como "agentes de cura". Uma descoberta em sua pesquisa está na importância que se dá ao processo de construção do corpo. Em sua tese tem uma descrição completa dos cuidados que se tem ao nascer uma criança, e demonstra

"como a não atenção aos *cuidados* com o corpo, o não cumprimento dos rituais de cura e *fechamento* do corpo da mulher parida, da criança, não respeito aos *resguardos de corpo e de boca* da mãe e do pai da criança podem afetar a vida adulta dos membros da família e prejudicar a relação diplomática dessas pessoas com os *bichos do fundo*." (CORDEIRO, 2017, pag. 61)

O “ingeramento” é a categoria fundamental para explicar a crença nos encantados. Inclui a maneira como é construído o saber, a lógica é outra, pois os agentes de curas, curadores recebem o dom dos encantados. Ou seja, muitos deles visitam a escola do fundo, e fala-se mesmo em morada dos encantados, cidades no fundo.

“Além disso, são eles que ensinam *os saberes de cura aos(as) curadores(as) sacacas* e indicam *as regras diplomáticas* que regem a relação entre *eles e os/as gente de cima*. Cabe aos(as) *curadores(as)* a função de diagnosticar os processos de adoecimento, quando causados pela quebra dessas regras, por não cumprimento dos *ritos de cura e de construção dos corpos dos(as) recém nascidos(as)* ou ainda por atos de *judiaria* ou *aborrecimento*, categorias nativas para denominar doenças resultantes de *ataques de feitiçaria*” (CORDEIRO, 2017, pag. 64)

Nesse ponto está uma diferença crucial entre médicos e curadores/pajés, pois os segundos tratam de doenças espirituais que podem ser causadas por feiticeiros vinda tanto humano quanto encantados/bichos-do-fundo. Existe uma certa ambivalência entre humanos e encantados, podem ser amigos e inimigos em potencial, em geral tem-se temor a eles, devido o poder que lhe é atribuído. Alguns deles atacam somente quando alguma regra é quebrada. Quando alguém é afetado por um ataque (mau olhado de bicho é uma categoria que expressa um dos maus que podem ser causados) vindo de um bicho do fundo ou por um feiticeiro e vai procurar um médico, este não consegue ajudar o paciente. E muito comum ao se ouvir falar da história de algum curador, dizer que ‘fulano foi desenganado por médico, e pajé cicrano o curou’, isto porque na região as pessoas dizem que tem doenças pra médicos e outras somente para curadores, pois esta tem natureza espiritual.

“A doença do corpo pode ser como uma febre, como uma gripe ou qualquer outra doença, como gastrite, desmintidura; e doenças do espírito são aquelas causadas por, por exemplo, olho gordo, ou mesmo por espíritos, como a gente chama, os espíritos escuros, eles podem causar doenças no nosso espírito. Por exemplo, na minha comunidade a gente respeita muito essas coisas como nos igarapés a gente acredita que tem a mãe do igarapé, das matas...na minha

própria comunidade já aconteceu muito disso, de a pessoa não obedecer isso, e ela entra na mata de qualquer forma e brinca com os espíritos da mata, e durante a noite depois das seis horas, aquele espírito vem e incorpora na pessoa e faz ela pular, faz ela babar. Então, a gente vai lá com a ajuda dos espíritos que tão com a gente, como a gente fala, os espíritos da nossa linha, e a gente faz uma sessão, e a gente faz o cigarro, usa vários ingredientes da própria natureza e o tabaco, a gente faz o cigarro que a gente chama tauarí. A gente defuma e pede para que os espíritos venham e eles incorporam na gente, enquanto eles incorporam os nossos espíritos vão para outros lugares, no caso pra morada daquele espírito e lá através do meu corpo o espírito entra em contato com o outro. Dependendo da força desse espírito, ele manda o outro embora e fecha o corpo daquela pessoa para que isso não ocorra mais. Então, isso é um processo que depende muito da própria credulidade da pessoa também, é algo que a gente vê, a gente percebe quando espírito entra na pessoa, a forma dele muda, a voz dele muda, as palavras mudam. Então a gente nota que o ser que tá no corpo daquela pessoa por conta da sabedoria, por conta dele saber coisas da nossa própria vida que a gente não sabe ou que a gente não falou pra ninguém. E ele fala de lugares, fala de remédios, fala detalhe por detalhe de tudo”...(Rafael, Baixo Amazonas, 2018)

Os pajés são seres em “devir” (DELEUZE & GUATTARI, 1996), conseguem resolver crises entre moradores das comunidades e do encanto porque eles são potencialmente encantados, sua natureza é diferenciada, seu próprio corpo que se “ingera” e transforma-se em outras formas de vida não se limita a cemitérios após a morte. Muitos dos relatos que falam sobre a morte de pajés, demonstram que o pajé pede para ser deixado próximo ao rio, podendo ser com os pés tocando o rio, ou numa canoa no meio do rio. As pessoas da região concluem que após a morte eles se transformam em cobras e vão morar no encanto no fundo do rio. Tornam-se encantados.

“Quanto ao que acontece após a morte, os(as) *curadores(as)* afirmam que não morrem de todo, apenas desaparecem para ir viver na *cidade do fundo* onde poderão se *ingerar em força*. Os outros que

não têm dom vão para o céu ou para o inferno.” (CORDEIRO, 2017, pag-69)

Os pajés além da capacidade de se *ingerar* e se comunicar com os encantados, também levam consigo um grande estoque de conhecimento de plantas e animais que são usados em curas de diversas doenças. É notável alguns ingredientes de suas receitas e é sugestivo nessa relação doença e remédios a qualidade antropofágica atribuída ao Perspectivismo Ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) E Tânia Stolze Lima (1996), pois há no consumo das medicinas uma transferência das qualidades perspectivas de um corpo a outro. Mesmo a síntese dessa relação que é cura, deve ser entendida aqui como um processo de transformação, isto porque ela própria abrange um universo amplo de possibilidades e não se limita a cura de doenças físicas. Por exemplo, dona Maria, que é ex-moradora da várzea Iranduba, situado no Lago Grande do Curuaí, em uma entrevista com ela no ano de 2018, fala de cura para nunca se “quebrar”, ou seja, para nunca sofrer uma queda e fraturar algum osso.

“Nosso pai lambava a gente com piça de tracajá e a gente comia macaco prego pra gente nunca se quebrar. Até hoje eu nunca me quebrei .” (Dona Maria, Baixo Amazonas)

Dentro do universo das classificações de espécies vegetais, muitas plantas recebem nomes de animais e boa parte delas é utilizada para fins medicinais. Joana Cabral de Oliveira (2012) pesquisou com os Waiãpi sobre “o modo Waiãpi de conhecer a floresta” (OLIVEIRA, 2012) e mostra uma série de plantas que são “plantadas por animais”. A mesma nomeação dessas plantas é utilizada na região de estudo deste trabalho. Entre elas: goiaba-de-anta, pimenta-de-macaco, maracujá-de-macaco, maniva-de-veado, escada-de-jabuti, castanhade-arara, (...) Para ilustrar como funciona medicinalmente uso como exemplo a pimenta-de-macaco e maracujá-de-macaco, ambas são utilizadas para problemas que envolvem os ossos e músculos, como reumatismo, atrite, artrose, hérnia e outras dores musculares. Acima contei o caso da cura para nunca se quebrar de dona Maria, onde comer macaco prego faz parte do processo, e aqui cito o exemplo da pimenta e do maracujá de macaco. Seguindo um raciocínio fundamentado no Perspectivismo Ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002), sugiro que há um processo antropofágico, onde são transferidas “capacidades” e “afecções” de um

corpo para outro e nesse cenário a cura surge como um processo de transformação. Referindo-se ao macaco, este é um hábil primata que pula de galho em galho e quase nunca cai, e se cai, não se quebra, além das frutas de macaco e dele próprio ser consumido para fins medicinais, sua banha é receita por curadores para problemas relacionados aos ossos. Outro exemplo é a utilização da banha de sucuriú para fins medicinais, especificamente para sarar e cicatrizar ferimentos, disso as pessoas falam que quando a sucuriú recebe um corte, ela solta aquela banha e rapidamente se regenera.

Além de plantas servirem como agente dentro de um processo de cura de uma doença do corpo, ela também pode auxiliar em outros setores da vida cotidiana. É nessa direção que aponta o uso do tajá-onça, que é uma planta, que segundo meu avô, seu Rosa, é uma planta que deve ser cuidada somente por caçadores e pescadores, isto porque, se ela for “curada” (transformada) pode trazer sorte na pesca e na caça. No entanto, deve ser cuidada somente por homens pelo fato de se *ingerar* em onça. Se a planta entrar em contato com o sangue feminino originário da menstruação ela pode se transformar e matar a mulher dona do sangue. Seu Rosa e Dona Minelvina são meus avós, e além disso são meus principais interlocutores do Lago Grande do Curuaí, ele tem 85 anos de idade e ela se encontra com 89 anos. Seu Rosa quando jovem foi servente de pajé, ou seja trabalhava como aprendiz nas sessões de pajelança no Lago Grande do Curuaí, ele parou de frequentar as sessões a pedido de minha avó, a qual é filha de pajé, mas guarda um certo receio em relação à Pajelança por saber que mexe com forças de ordem extraordinária.

3. ENTRE RIOS E FLORESTAS: NARRATIVAS ENCANTADAS DE PESCADORES, CAÇADORES E CURADORES (PAJÉS)

A seguir transcrevo alguns trechos de entrevistas que fiz desde o ano de 2014, com moradores e ex-moradores de comunidades oriundas do Baixo Amazonas, Tapajós e Arapiuns. Na medida em que eu for contando as histórias, também relato os contextos das conversas e entrevistas. Como nativo do campo em que me pus a explorar, não se torna uma tarefa árdua conseguir entrar em contato com interlocutores, uma vez que dentro de casa estão os primeiros, começando por mim. Devo dizer que nós que nascemos e crescemos junto a floresta, o rio e toda vida ao redor, temos uma qualidade peculiar que é o nosso próprio conhecimento. Porque o sentido do “nativo” é aguçado, atento a cada som, cheiro, cor, sinal que lhe vem da floresta ou do rio. Conhece o movimento que é fundamental pra viver, tempos de enchente e de vazante. Conhece o comportamento dos animais, alimentos de peixes, alimentos de caça. Trata com forças e seres que, na sua concepção, são protetores dos meios naturais. Aqui está o foco deste capítulo, descrever os resultados dessas relações, que são os relatos, as histórias que surgem. Devo acrescentar a esse detalhe, que é comum nas comunidades próximas à Santarém, as pessoas se juntarem para contar essas histórias, destacam-se inclusive maiores contadores. Em síntese, os relatos são reproduzidos na oralidade e muitas histórias às vezes, atravessam gerações. Eu, por exemplo, sei de fatos que aconteceram na adolescência de minha vó, está por sua vez conhece histórias do tempo de seu pai. A oralidade é marca das vozes que surgem nesse trabalho, pois é na memória viva do povo que permanece a sua cosmologia estabelecendo sentido ao mundo. O mundo é o que se mostra ao redor, é todo o fora que esbarra os limites do corpo, é a floresta, é o rio, são os animais. Impossível pensar nessa ocasião, em uma Antropologia que só fale de humanos, pois aqui as relações são múltiplas e espalham-se a todos os cantos. Homem que vira bicho, bicho que vira gente, pajé que se *ingera* e ganha força de cobra grande.

3.1 NAS MATAS, NOS RIOS TUDO TEM DONO

Desde criança lembro-me dos meus avós sempre falarem para se ter o devido respeito ao passar por certos lugares como igarapés, rio ou a floresta, sempre que passar pedir licença ao dono do lugar e mesmo evitar certos horários

como 6 da manhã, meio-dia e 6 da noite, que são considerados horários que os seres saem para esse plano em que vivemos. A boa relação com os seres da natureza significa também uma boa vida para os humanos, uma vez que estes últimos dependem diretamente do rio para obter peixes, quelônios, camarões, da terra para plantar, da floresta para obter caça. Nessa trilha deve seguir a interação entre humanos e seres da natureza, na mais singela harmonia, porém quando surgem problemas na relação, o mundo humano pode sofrer algumas consequências que só o pajé, muitas vezes, pode resolver. Abaixo, selecionei alguns relatos de moradores das comunidades que desenharam um pouco a paisagem que procuro descrever. É notável o hábito existente entre as pessoas da região de contar histórias dos acontecimentos ocorridos com moradores das comunidades com agentes que estão num plano de sobrenatural, às vezes referem-se a eles como visagem, assobiador, curupira, mãe-da-mata, encantados ou caruanas. Neste ponto, destaco algumas diferenças existentes entre os seres, pois há uma diferença entre um encantado e uma visagem, este último, já lembrado pela famosa obra “Santos e visagens” de Eduardo Galvão (1955), é pertencente ao mundo fantasmagórico, ou seja, é um espectro, alguém que já viveu e por alguma razão não conseguiu sair do plano terreno, os encantados por sua vez, são seres que habitam um lugar que conhecemos por encanto, localiza-se no fundo do rio, é uma cidade em verdade, onde os bichos vivem como nós humanos vivemos aqui em cima. Na floresta, por sua vez, habitam a mãe-da-terra-preta, mãe-da-mata, mãe-do-igapé, mapinguari, jurupari e outros seres.

Na cidade de Santarém por intermédio de um amigo (conhecido do meio da cultura popular, tocador de curimbó), conheci suas tias, dona Dica e dona Doca, que são ex-moradoras da comunidade Maripá, situada na região do Baixo Tapajós. Como soube por intermédio de meu amigo que suas tias são grandes conhecedoras de histórias dos encantados, resolvi entrar em contato com elas e marcar para entrevistá-las no ano de 2018. Atualmente elas residem em Santarém, no entanto mantêm contato com o lugar de origem e sempre estão em comunicação com pessoas que moram em comunidades, e por intermédio dessas pessoas são atualizadas de acontecimentos, diga-se de passagem, de acontecimentos fantásticos, que são temas constantes nas rodas de conversa das pessoas das comunidades amazônicas.

“A nossa casa ficava na floresta, em mata virgem pra chegar no campo, a gente vivia na floresta. Nosso pai era caçador, a gente se alimentava mais de carne de caça, meu pai pescava pouco. Uma noite ele e um cumpadre saíram para caçar. Antes da lua sair os animais passam por aquele caminho que os caçadores preparam. De repente ele (papai) ouviu um barulho estranho, quis dar um tiro e pareceu que aquilo ia crescendo. O outro colega deu um assobio e gritou para não atirar e disse que era a mãe-da-mata. Ele escutou e não atirou, até porque ele era um benzedor e puxador, o nome dele era Sevino. Todos seres e coisas da terra tem pai e mãe, todos os animais. Meu pai era muito feliz pra caçar, tinha sorte de matar as caças. Muitos vizinhos não conseguiam. (Dona Dica, Arapiuns, 2018)

Para os caçadores, a mãe-da-mata, o famoso curupira, também conhecido como Anhangá, é o espírito protetor dos animais, sua morada é no meio das Sapopemas¹⁷ de árvores como a Samaúma e o Tauarí. O curupira tem o poder de fazer as andarem em círculos e perderem o juízo. Para saírem do poder do curupira é necessário dizer-lhe: “- Curupira! Me deixa seguir meu caminho que te deixo um cigarro!” Então, a pessoa tece um tabaco, deixa ao curupira e segue seu caminho. Ou como me foi expresso por seu Livaldo

“- Oh, minha vó me dê sua licença pra passar no seu terreiro!”

Outras maneiras de sair das travessuras do curupira é tecer algum trançado de palha, para o curupira desmanchar, nesse intervalo o caçador consegue fugir. Além do tabaco, outras oferendas são utilizadas, uma delas é a cachaça. O antropólogo Florêncio Vaz Filho destaca que os “(...) Os moradores da região do baixo Tapajós acreditam que o Curupira se parece com um menino de pele escura, daí a denominação *pretinho*, que em alguns lugares chega a ser mais usada do que o termo Curupira” (VAZ, 2013, pag.26). Esse fato é importante, porque na região do Baixo Amazonas, mais especificamente no Lago Grande do Curuaí, encontrei o termo “pretinho”, mas muitas vezes associado a figura da mãe-da-terra-preta. Seguindo no seu raciocínio Florencio Vaz Filho (2013), prossegue lembrando que o Curupira já era conhecido pelos indígenas tupinambás desde o século XVI, foram, segundo ele, relatados pelos missionários de Jose de Anchieta, referindo-se a ele

¹⁷ Árvores de grande porte que ficam com as raízes avantajadas

como “Corupira” e atribuindo a qualidade de atacar os indígenas quando dentro da floresta. “Para se livrarem desses ataques os indígenas deixavam para o Curupira abanos, flechas e outras oferendas. No baixo Amazonas, século XXI, não há relatos fatais do Pretinho que continua aceitando os presentes feitos de tala ou palha trançada de preferência” (VAZ, 2013, pag.27). Na obra “Tudo isso é encantado” (VAZ, CARVALHO, 2013) os autores também trazem relatos de curupiras, em um dos relatos, o homem é visitado pela mãe-da-terra-preta, o motivo da visita era para fazer o pedido “Nós toma conta daquela cabeceira grande ali, que chama do Velho. Nós temos uma mãe, daí nos fica muito brabo. Sabe por que? Porque atiram nas caças e não matam! Me dá muito trabalho pra mim cuidar.” (VAZ, CARVALHO, 2013, pag.83). O trecho relatado traz consigo a relação dos seres encantados e os animais, uma relação de proteção, sendo eles, os que cuidam dos animais quando ficam feridos por algum caçador na floresta. Seu Elves, conta de um conhecido que encontrou com um encantado no caminho da mata a noite:

“Um senhor contou, que uma vez ele andando na estrada (na mata) à noite, meio bêbado, e de repente ele encontrou na frente alguém que ele conhecia, começaram a conversar e foram caminhando e caminhando, e quando ele se deu conta ele tava no meio de um matagal todo amarrado com cipó, então ele percebeu que alguma coisa de estranho estava acontecendo com ele, e ele começou a gritar, gritar, gritar...Depois de algum tempo apareceram pessoas e foram lá tirar ele que tava todo amarrado.” (Seu Elves, Baixo Amazonas)

Outro caso muito comum que pode vir a acontecer com caçadores/pescadores é serem acometidos por “panema”, categoria que explica a falta de sorte na caça ou na pesca, mas a razão para tal falta de sorte está nas explicações sociais. Torna-se mesmo motivo de piada entre as pessoas apelidarem alguém de “panema” quando este se encontra em situação de azar na vida cotidiana. Há maneiras de ficar “enpanemado”, pode ser segundo seu Rosa por meio de “judiaria” ou sendo enpanemado por uma mulher gestante, caso essa tenha comido a “embiara” (nome dado à caça abatida pelo caçador). Seu Rosa me relatou um caso de “panema” que aconteceu com ele, e mostra como foi resolvido:

“Eu não pegava mais nada de peixe, peguei uma “panemice”, não era “judiaria”, era de filho. A mulher tava gestante e comeu minha

“embiara” e me empanemou...Naquele tempo tinha muito peixe, muita dourada, e fui pescar no meio dos outros, ia prum lado, ia pra outro, ajeitava meu espinhel e nada, eu chegava suado (solta uma risada!) acabava não matando nada. Aí um dia, tinha um vizinho lá, o Elarindo, ele disse: ‘Ah! meu avô faça remédio pra essa panemice. O senhor passa 7 pontas de pimenta malagueta e o senhor passa no seu arpão, o senhor passa no seu espinhel que é bom!’. Aí eu fiz, ainda tinha uma defumação com espinha de peixe, botava em cima de um paneiro assim...e fazia aquela fumaça...quando foi de tarde eu fui pescar, umas 5 da tarde eu passei pimenta aqui no meu apă, aí eu fui me embora, botei o espinhel, quando eu soltei a pedra lá pra fora, na ponta do espinhel, quando eu dei a boia dela já tinha sumido, já tinha ido pro fundo, tinha pegado o peixe, quando eu dei matei 7 peixes. Depois quando eu cheguei em casa, era só aquele ardume de pimenta malagueta, aí a Minelvina lavou com álcool aí parou. ”
(Seu Rosa, 85 anos)

Uma série de restrições existe para as mulheres que estão em período menstrual e durante a gestação. No caso da mulher menstruada, esta deve tomar cuidado principalmente ao passar em igarapés, olhos d’água, beira do rio, isto porque os encantados são atraídos pelo cheiro do sangue do período menstrual. Quando, em período de gravidez outros cuidados devem ser tomados, dentre eles está o fato de comer “embiara”¹⁸ dos outros caçadores, porque ao ingerir o alimento ela pode “enpanemar” o caçador. O caçador que está esperando para ser pai, por sua vez, deve tomar cuidado no tratamento com os animais que vai caçar, pois se ele “judiar” (maltratar a caça) do animal, este se “vinga” no filho do caçador, podendo nascer com alguma parte do corpo anormal. As categorias “judiar” e “vingar” expressam uma relação presente tanto na interação entre humanos e encantados, quanto no trato dos humanos entre si. Quando no primeiro caso, em geral acontece de alguém ser *judiado* por um encantado, fala-se que foi “judiado por bicho”. No segundo caso, o “caractere” judiar ganha o valor de “feitiço” feito por um humano que tem contato com os “encantados”. Quando alguém se encontra no estado de “judiado”, fica doente, podendo apresentar diferentes sintomas, dependendo do tipo de feitiço. Os mais diferentes relatos, dizem que aquela pessoa estava

¹⁸ Embiara é caça abatida pelo caçador.

“desenganada dos médicos”¹⁹ e a solução foi procurar um pajé que entra em contato com os encantados que os auxiliam no trabalho, estabelecendo assim uma cura para o enfermo. Nesse sentido o feiticeiro é aquele que judia, o curador aquele que cura: quando o pajé aparece, o feiticeiro se esconde! O feiticeiro sempre fica escondido, sua identidade é anônima, quanto aos pajés todos conhecem. Quanto aos encantados, estes se mantêm em ambivalência com os seres humanos. Abaixo vou relatar um caso em que a mãe-da-terra-preta se vinga de uma comunidade inteira. Seu Livaldo, 60 anos é morador da comunidade São Pedro, no rio Arapiuns, o conheci por intermédio do projeto Saúde Alegria em ocasião de uma viagem que fiz com a equipe em 2014, desde então passei a manter contato com ele. No ano de 2018 pedi novamente para ele me relatar algumas das histórias que ele me contara no ano de 2014. Ainda sobre os seres que habitam a floresta e plano terreno, além da mãe-da-mata, revelo por meio do relato do seu Livaldo a mãe-da-terra-preta:

Onde a gente se criou é uma terra-preta, tudo nascia lá. A gente plantava melancia, gerimum, milho, mamão, macaxeira, abacate, laranja, café, tudo...tudo! A gente plantava uma roça de melancia pequena e dava muito, cada melancia enorme. Um dia a mãe-da-terra-preta se aborreceu e começou a dar pragas na plantação. Seu Luís Sarmiento chamou um curador conhecido como Miguel Senembú, e aí ele foi fazer uns trabalhos lá. O seu Luís morava bem na cabeceira do igarapé, e o igarapé secou, então eles ficaram agoniados, desesperados, como é que secou um igarapé? O seu Luís conta que certa noite: - Olha seu Luís não vá se espantar, nem se assustar, o senhor vai escutar um barulho lá pro lado do açail, é a mãe-do-igarapé que tá agitando aí, eu to “amansando” ela. E o seu Luís conta que naquela noite teve tipo um temporal só naquele pedaço, ele sentia que o açail se mexia. Quando foi no outro dia, aí o curandeiro, disse: - Olha seu Luís, a mãe-do-igarapé, a mãe-da-terra-preta tá “braba” e o senhor vai conversar com ela! Olha, o senhor vai conversar com ela 6 horas da tarde. Quando foi 6 horas da tarde o Senembú, falou: - Seu Luís vamos lá, tá na hora. Daí eles desceram pro caminho do porto, ficava entre a casa e o caminho do porto, eles pararam num cacual (plantação de cacau), aí o Senembú disse: - Olha o ponto é aqui, vamos aguardar que ela vai chegar. O

¹⁹ Os médicos não conseguiram resolver o problema.

seu Luís disse que quando ele percebeu vinha chegando uma cobra, era uma surucú. E a cobra veio, veio e chegou lá perto e seu Miguel disse: - Olha essa daqui é a mãe-da-terra-preta, pode conversar! (Imagina como é que eu vou conversar com uma cobra?) E aí o seu Luís que era uma pessoa muito nervosa ficou sem reação, né? E aí, o Miguel vendo que o seu Luís estava nervoso, tomou a palavra e ele mesmo falou pra cobra, pedindo as desculpas pelas pessoas que moravam naquele lugar e depois mandou a cobra ir em embora. Depois disso, voltou tudo ao normal, voltou a água, o igarapé voltou e nunca mais secou, a plantação ficou sem praga.” (Seu Livaldo, 60 anos, Rio Arapiuns)

Outra manifestação de cobra assumindo o papel de guardiã é o caso de imensas cobras habitando debaixo de igrejas. Num relato que se espalha pela região, fala-se da cobra-grande que está debaixo da matrizes de Obidos, Alequer e Alter-do-chão. O mesmo caso também é relatado por Rafael oriundo da comunidade Correio do Tapará, o conheci em um cursinho popular organizado pela FAMCOS e pela Pastoral da Juventude. Em tal ocasião, fui me voluntariar como professor de Sociologia no cursinho popular. Em certo dia, eu fiz uma aplicação de rapé e Rafael viu e pediu que eu lhe aplicasse o rapé, em seguida, ele falou que aquilo lhe “esquentava o corpo”. Aí ele foi falando de sua origem, falou sobre seu avô que foi um conhecido pajé na sua comunidade, e que hoje, ele segue os passos do avô na pajelança. Abaixo, ele fala sobre o caso da guardiã da comunidade Correio do Tapará.

“Lá na minha comunidade, Correio do Tapará, a nossa igreja, ela tem uma guardiã. Ela mora embaixo da igreja. A gente chama pra ela de Jibóia-sica-açú. Só os mais antigos e aquelas pessoas que ainda levam os costumes, conseguem a comunicação com ela. Então ela pede que a gente siga o caminho reto. E ultimamente a nossa igreja, os líderes não estão seguindo o caminho que deveriam seguir. E já existe a corrupção, já existe a mentira na própria igreja. Então ela só entra em comunicação com alguns antigos da nossa comunidade, com alguns líderes da igreja mesmo. E pedindo que a gente seguisse um caminho melhor, que a gente mudasse, que a gente não deixasse de lado a cultura, que a gente não deixasse morrer aqueles costumes antigos...Então as pessoas não deram muito ouvido. Ela

falou que se isso viesse a ocorrer, os costumes não fossem obedecidos, ela iria derrubar o terreno que era a igreja. Então ela começou a derrubar, ela derrubou, e já caiu em torno de 10 metros. E a igreja tá...antes tinha 30 metros longe da margem do rio. E hoje a gente tem somente 15 metros somente. (Rafael, Baixo Amazonas)

No relato de Rafael podemos ver como a pajelança se “ingerou” na igreja, isto é, a guardiã “Jibóia-sica-açú” exerce papel de importante liderança na comunidade, influenciando diretamente na vida dos comunitários. Heraldo Maués (2005) já ressalta esse aspecto da religiosidade amazônica, onde o mundo da “encantaria” está em simbiose com catolicismo, isto é, a pajelança cabocla e o catolicismo caboclo acabam dividindo o plano de fundo religioso. Isso é fácil de perceber ao saber que muitos dos curadores se consideram católicos, o próprio Rafael é católico, faz parte da Pastoral da Juventude, frequenta os cultos da Igreja católica e atua como servente nas sessões de pajelança em sua comunidade. Abaixo no relato de seu Rosa, sobre os lugares:

“Quando alguma pessoa vai pescar por exemplo num aningal grande é perigoso porque num aningal tem sucunijú e tem os encantados, bicho encantado, eles “judia” do homem(...). Ali pra banda do Arapiri, no Jauari, lá tem muito peixe, tinha também aningal lá. Quando é tempo de enchente que o pescador, “as vez”, vai pescar só ele, procurando pirarucu pelo aningal, as vez eles trepam no pau pra ficar esperando o pirarucu e de vez em quando faz “Tedubluo” pra longe [onomatopeia de algo caindo na água] e mata pra lá e ninguém não vê, quando faz assim a gente não pega nada, porque eles espantam (...). Uma viagem que eu fui pescar com o finado Benedito lá no aningal do Jauari, de dia..mas tinha muito pirarucu, daí a gente montou em cima duma aningueira e de vez em quando passava um e nada (O que são esses bichos encantados?) Rapaz, eles contam que eles se formam em cobra grande e andam ai pelo fundo com os dentes grandes e passa pra fora, tipo esses chifres como chamam, ai é isso que fazem os encantado. Aqui debaixo dessa terra tem muito encantado, o finado Ariramba que era pajé ele contava que lá do Inanú (situado no Lago Grande do Curuai) até o Carariacá (entrada de Santarém) era uma capital grande...por onde tem aningal tem encantado em baixo. Aí eles entram no “corpo” das pessoas pra

fazer curativo, esses que é pra pajé né? Esses que curam com os pajés, eles não fazem “malinagem”, mas esses brabo, como boto...boto encantado ele namora com uma mulher, “queira que não” ele acaba namorando com ela. Ele adormece ela, ela fica quieta e não pode fazer nada, e se não tratarem ele mata, ela fica pálida. (Quando acontece isso, o que ela tem que fazer?) Quando acontece isso ela tem que procurar um pajé, senão ele acaba matando ela.(...) Lá no Arapiri, uma viagem o filho do finado Casemirão, chamavam Casemirinho, tinha o Lago Grande, tinha porque já quebrou (devido ao fenômeno de terras caídas muitas comunidades situadas nas várzeas desaparecem) quase toda aquela ilha lá...ele se arrumou cedo e foi espiar pirarucu lá no pasto, aí ele avistou um cavaleiro vindo à direção dele, só que ele vinha de costa pra banda da cabeça do cavalo, aí ele veio, veio, veio, e num piscar de olhos quando ele viu, ele caiu n’água. Quando ele deu, ele já vinha mexendo o ‘murizal grande’ (espécie de capim cresce na várzea), ele pensava que era um cúpido (capivara) daí ele dobrou pra lá, mas vinha muito ligeiro, chegou perto, descontou uns metros de distância do “mexido” e arpoou aquilo, era o boto, ele arpoou esse boto, ele correu pra fora, ele pelejou pra matar ele, custou matar, ele matou, mas quando ele matou ele, ele (Casemirinho) também ficou com muita dor de cabeça e febre, quem curou ele foi o finado “João da mata”, se ele não matasse ele, o boto ia matar ele.” (Seu Rosa, Baixo Amazonas)

Os vínculos que os encantados estabelecem com os humanos são os mais variados, onde por vezes um encantado pode ser apaixonar, por exemplo, por uma moça e se enamorar por ela, e nesse papel não é só o boto que atua, os bichos do fundo, encantados de outras origens podem também estabelecer relação afetiva com moradores de cima, como conta a narrativa descrita por seu Elves.

“Eu mesmo tenho medo de andar no igarapé de noite, tinha um igarapé lá né, que tinha muitos puraqués, inclusive o puraqué lá na região do Lago Grande, onde nós morávamos, era um ser, um animal de respeito, até porque o puraqué, ele tem o poder de dar choque quando tocam nele, e mesmo porque o puraqué era um ser que sempre aparece nas sessões de pajelança incorporado nos pajés, inclusive tinha um puraqué lá na região conhecido como

Manelzinho, que ele tinha um letreiro na costa, segundo as pessoas que viram, então aquele ser ninguém mexia, ele era como se fosse uma espécie dum boto emprenhador, ele se ‘agradava’ de uma pessoa que tava na hora de meio-dia ou andava de noite na hora que ele tava passando por lá, ele encantava a pessoa, e aí quando era mulher engravidava, quando era homem, ele matava o homem e mulher e engravidava as mulheres. Inclusive tem a história que eu ouvi lá quando era criança duma senhora de uma comunidade vizinha a nossa, que ela teve um filho de um puraqué, então foi uma gravidez assim diferente de outras gravidez, e ela ficou grávida como se ela não tivesse nada de uma criança né? Aí ela ficou ruim, ficou doente, daí o marido cuidava daqui pra cá, daí depois é, surgiu que ela tava grávida de um puraqué né, que lá na comunidade onde ela vivia tinha lá um olho d’água, e ele morava lá, o encanto dele era lá naquele local, e aí ele engravidou ela justamente porque, segundo os moradores, os relatos dele, porque ela transgrediu aquele lei né, ela no período da menstruação, ao invés dela ficar na casa, ela foi lavar roupa né, lá no igarapé onde ele morava, por conta disso ele acabou engravidando ela, e segundos os moradores, ele não só engravidou como também ele ficou a causa da morte do marido, qíue no momento que tava pescando, do nada ele morreu afogado, ele apareceu boiado no rio. Então as pessoas, o pajé que fez a pajelança lá disse que foi o Manelzinho, o puraqué que matou o marido dela. E no dia que ela teve a criança, à noite, durante à noite, do nada apareceu um ser que levou a criança dela, e ela até hoje ela não conseguiu. E ninguém pode fazer nada, porque no momento que ele entrou todo mundo ficou paralisado, ele foi lá e pegou a criança da mãe e levou. E segundo assim moradores não era como uma pessoa humana, não era uma forma humana, era uma forma não-convencional do ser humano, né.” (Seu Elves, Baixo Amazonas)

A narrativa acima expressa o que na região se chama como ‘judiaria de bicho’, em geral ‘judiar’ é o mesmo que enfeitiçar, fazer um mal a outrem. Ser judiado por bicho, como no caso acima é ser atacado por um encantado. E como, já expliquei anteriormente (cap. 2), há doenças que só pajés podem curar. E a maneira de evitar é não transgredir as regras. Essa relação com os encantados aparece

também em outros depoimentos. Dona Doca, em entrevista, me fez um seguinte relato:

“Outro dia tava contando a história da nossa vizinha, lá onde ela mora o roçado é do outro, tem um rio. Nisso vão atravessando e viram um jaraqui boiando e falaram pra ela: - Olha, mana esse peixe. Ta roído um pedaço do rabo. Na hora que pegaram esse peixe, e de repente aparece um boto enorme e ficou pulando “Tu não acha que esse peixe é do boto?” Nisso o boto veio debaixo da canoa e quase derrubou. Depois jogaram o peixe pro boto. No outro dia ela desceu pra lavar roupa. E parece que alguém jogava pedra. Ela disse “Olha mana eu fiquei assustada, e cada vez as pedrinhas mais forte, eu disse, é tu Lucia?” Nisso esse boto apareceu do nada e quase pulou na bacia dela. E lá os pescadores, quando vão pescar jogam uma garrafa de cachaça no rio para os botos deixarem eles pescarem”. (Dona Doca, Rio Arapiuns).

3.2 OS ENCANTES DO PAJÉ: EM CIMA DA TERRA E NO FUNDO DO RIO

O papel do pajé é fundamental na vida social das comunidades ribeirinhas da comunidade, assume a posição privilegiada de liderança espiritual. Confiam-lhe os doentes que saíram “desenganados” de médicos, os quais só podem ser salvos pelo vasto conhecimento do pajé. Na pajelança da região do Baixo Amazonas e Baixo Tapajós, os encantados têm papel de destaque, pois são eles que estão em contato direto com os pajés, incorporando no corpo destes para realizar trabalhos de cura, enquanto isso o pajé vai visitar o encante, aqui conhecido como cidade do fundo. Na região do Tapajós, o pajé mais famoso, é sem dúvida, o pajé Merandolino Cobra Grande, dele segue uma linhagem de vários pajés, dentre eles Laurelino (grande figura no Movimento de reconhecimento étnico no Baixo-Tapajós) e Remízia. Muitos dos que comentam sobre Merandolino, dizem que ele se “ingerava” (transformava-se) em cobra grande.

“A casa de Merandolino era de madeira e dentro tinha um quarto que só ele podia entrar, quando ficava todo estranho, ele dizia pra mulher dele que ia entrar no quarto e não queria que ninguém o perturbasse. Uma vez a mulher dele olhou pelas brechas da madeira, ela disse que em todo o tamanho do quarto estava enrolada cobra grande. Eu

acredito que Merandolino, o pajé Merandolino, ele possa até existir no fundo do rio ou nos encantos do rio, né. porque ele era uma pessoa que tinha esse dom. Inclusive, quando ele morreu, ele pediu pra ninguém enterrar ele, era jogar ele, pra deixar ele no fundo do rio, ou pra deixar ele pelo menos na ponte da casa dele com os pés dentro d'água..e é claro que a cultura das pessoas, conforme a nossa cultura, é claro as pessoas não iam fazer isso...e acabaram sepultando ele num cemitério lá perto do Mentaí. E o pessoal dizem que no outro dia lá só tava o buraco, então ele saiu da sepultura e foi pro fundo do rio, deve existir pro fundo do rio (...) Outra pessoa que me falou foi um cidadão aqui no Lago da Praia, em 1973, nós fomos passar uma semana santa, eu minha mãe e meu irmão. O homem era conhecido como seu Bito, e ele me contou que Merandolino também tinha uma casa lá no Lago da Praia, e a casa do fundo do Merandolino, no fundo do rio era na ponta do Toronó e quando foi certa vez, ia ter uma festa na comunidade do Anã, que fica bem defronte do Lago da Praia, e o Merandolino passou na casa do seu Bito e convidou ele: Vamos lá na festa? Ele disse: Umbora! E quando chegou na hora da viagem pra festa ele perguntou 'mas como é que nós vamos?' Seu Bito perguntou pro Merandolino, ele disse 'Não, não se preocupa', daí o seu Bito falou 'Não, eu não vou', 'tá bom, não vai, vou lá'. E o Merandolino sumiu na praia, não tinha canoa pra atravessar o rio e contando que quando foi no outro dia chegou um pessoal lá do Anã lá na casa do seu Bito, aí ele perguntou como foi a festa, aí o pessoal respondeu que 'foi muito bom, porque tu não foi lá rapá? Olha, o Merandolino foi lá, tava lá com a gente e tal né. (Seu Livaldo, 60 anos, Arapiuns)

O destino dos pajés depois que morrem é ir para o encanto, por isso no relato acima, Merandolino pediu para o corpo ficar próximo a água, o mesmo pedido foi feito também por Laurelino da comunidade de Takuara. Rafael me contou a respeito do avô antes de morrer,

“O meu avô, o nome dele era Manuel Caldeirado, quando ele estava vivo na conversa com os parentes, ele sempre dizia que quando morresse, ele queria que a gente colocasse na água ou o calcanhar dele ou a nuca, porque...ele nunca dizia! Só dizia: vocês vão ver o que vai acontecer! (...). E a gente não fez isso. Ele disse: se vocês não fizerem isso, vocês vão me enterrar, mas eu não vou ficar lá, eu vou sair. E no segundo dia depois do enterro dele, a gente foi lá no tumulo, e não tinha nada lá no caixão e a gente percebeu que do lado tinha um buraco, como se tivesse as pegadas dele indo em rumo a água. Em algumas conversas espirituais com ele, ele me mostrou a forma que ele assumiu, ele assumiu a forma de um boto.

E ele mora no encante lá da minha comunidade. Ele tá sempre por lá. Ele anda em forma de boto protegendo a comunidade.” (Rafael, Baixo Amazonas)

A morada dos encantados é “encante”, também conhecida como cidade do fundo. “O encante se encontra “no fundo”, normalmente no dos rios e lagos, em cidades subterrâneas ou subaquáticas” (MAUES, 2005, p.265). Além dos moradores da cidade do fundo (encantados), os pajés também visitam tal lugar, isso porque os pajés potencialmente são encantados, como é expressado por seu Livaldo acerca de Merandolino “Tinha duas vidas, em cima aqui na terra, e outra no fundo, no rio”. Em outros casos uma pessoa comum pode ser encantada, isto é, ser levada para o encante. Nestes casos, a pessoa é levada literalmente, isto é, ela desaparece, tal como a história que me foi relatada por Rafael.

“Lá onde a gente mora no Correio do Tapará antes lá era uma fazenda chamada Curiquara, e lá o seu Lauro Correio certo dia sentiu falta de um boi, já era 6 horas, como lá é um lugar muito espiritual, a gente percebe os espíritos bastante, até aqueles que não acreditam conseguem perceber. Nisso, era 6 horas, e um vaqueiro olhou e aos olhos dele era o boi do seu Lauro, ele correu durante umas meia-hora atrás do boi e ele chegou nesse lugar onde a gente chama de “sumidor”, é uma serra às margens do rio. Então ele subiu a serra e se deparou com o boi, ele correu e o boi caiu num poço de aproximadamente 1 metro de diâmetro, ele entrou pra lá. Então, quando ele entrou rapidamente aquele boi se transformou em uma cobra e puxou ele pra dentro. Então, até hoje ele nunca mais foi visto aos olhos, mas geralmente nas sessões espiritas dos curandeiros da nossa comunidade ele sempre vem, ele vem em forma de espírito chamado “Zé Vaqueiro”, ele sempre diz que tá barbado e continua com a mesma idade em torno de 35 anos, era a idade que ele tinha, ele continuou com as mesmas roupas e barba muito longa e as unhas um pouco crescida, porque ele diz que lá não tem muito como se cuidar e ele ainda espera que um dia alguém venha para tirá-lo de lá. Ele sempre fala “Olha se alguém quiser me libertar vocês tem que ir às 6 horas da tarde lá no poço do “sumidor”, que é um poço pequeno com água bem azul, a gente já tentou cortar uma vara de 12 metros emendando uma na outra e a gente não

conseguiu alcançar o fundo, ele diz “É raso, mas para o homem que não crê, ele vai tentar colocar muitos metros de vara ou fio e não vai conseguir chegar no final”. Então ele fala que quando a gente for lá, vai aparecer uma cobra, no mesmo momento que a cobra aparecer a gente tem que pegar 1 litro de leite duma vaca preta da primeira cria, a gente deve no mesmo instante jogar o litro de leite fechado mesmo a boca da cobra, que ele vai ser desencantado. Se a gente não conseguir fazer isso, a pessoa que tentar desencantar também vai ser encantado se não fizer do jeito do certo. (Rafael, Baixo Amazonas)

Para se tornar pajé, o escolhido, em geral, é acometido por doenças e perturbações no início, depois que consegue vencer os obstáculos, consegue atuar como tal. Remízia, que foi famosa pajé no Baixo-Tapajós, teve durante a infância um período de crise e perturbações devido a manifestação de seu dom. Sobre ela, seu Livaldo fez o seguinte relato:

Eu conheci a senhora Remízia, ela vivia em nossa comunidade, São Pedro. A minha mãe contava uma história que um ano antes de eu ter nascido teve um assassinato, um rapaz matou o outro, por ciúme né, de uma mulher. E aí eles, o pessoal custou a descobrir quem foi, daí quem ajudou a descobrir foi a Remízia, ela era uma pajé que também era da linhagem do Merandolino, entre tantas proezas que a Remízia fazia, ela fazia remédios, curava, afinal de contas teve muitos anos nessa região o pessoal nunca soube o que é ser atendido por um médico. A minha mãe conta que aos 13 anos de idade aconteceu (com Remízia) um fato de que ela ficou assim meio doida, ela foi atacada por uma força que fez com que ela corresse pro meio da floresta, teve esse impulso, deu uma coisa nela e de repente ela correu pro meio da floresta, ela tinha um afilhado, que era afilhado lá dos pais dela, o nome dele era Barroso e ele que ia procurar ela no mato, até que ele encontrou ela, mas ela não...quando ela via a pessoa, ela queria se esconder mais ainda e o pessoal contava que quando o Barroso ia levar comida pra ela, ela tava sentada do lado de cobra venenosa tipo surucucu, pico-de-jaca, tava lá sentada perto da cobra e a cobra não fazia mal pra ela e isso foi o sinal de que ela tinha esse dom (...). Sempre que alguém perdia uma ferramenta, ia lá com ela se queixar, se alguém perdia um

machado ela falava onde estava. Certa vez, uma menina de 16 anos adoeceu, com aquele negocio, a família dela ficou toda aperreada e levaram ela lá com a Remízia, “minha filha ta doente”, “ah! Não se preocupe, isso tá resolvido daqui a nove meses. Outra figura muito famosa é o Laurelino, certa eu pedi inclusive pra ele dar uma benzida em mim, mas já tava bem velhão já tava ficando cego. (Seu Livaldo, Baixo Amazonas)

4. CONCLUSÃO

Proponho que o mundo da encantaria relatos descritos aqui neste trabalho como “fenômenos da experiência” (INGOLD, 2012), e nessa experiência existe um universo com linguagem própria, tal como Ingold (2012) propõe trazendo ao nosso conhecimento um incidente envolvendo um dragão e um monge do monastério de São Benedito de Núrsia. Em tal alegoria relatada em “Caminhando com dragões” (INGOLD, 2012), o autor descreve a história de um monge que cansado da vida monástica, resolve sair do monastério e na saída encontra em seu caminho um dragão. Na ocasião, os outros monges foram socorrê-lo e não ficaram assustados com o fato do colega estar amedrontado por encarar de frente com um dragão. “Tanto santos como dragões, na imaginação monástica, eram construídos a partir de fragmentos de textos e de figuras, mostradas aos noviços ao longo de sua instrução” (INGOLD, 2012, pag. 19). Ingold prossegue afirmando que na idade média, o dragão era um “fenômeno da experiência”, e era segundo o autor fruto da própria leitura de mundo dos medievais. Na tradição monástica o saber dependia do ver e do ouvir, e isso era, segundo Ingold, reflexo da “prática meditativa – tractare - tratado”, que é a própria maneira como liam os livros nos monastérios, diziam que não liam e sim eram aconselhados pelas “vocespaginarum”, que são as vozes vinda das páginas, pois a leitura era uma prática vocal e ler nesse universo era ser aconselhado por essas vozes. Assim como os medievais eram aconselhados pelas vozes das páginas e apreendiam o mundo a partir dessa leitura, as vozes que surgem neste trabalho, também, desde cedo aprendem sobre o universo cosmológico que procuro desenhar.

Desde cedo a criança aprende a respeitar tudo aquilo que é da natureza, tanto no rio, quanto na floresta e na própria terra, tudo era ensinado que tinha a mãe, existia a mãe-da-terra-preta, inclusive na região onde eu morava. Onde nós morávamos, meus pais moravam era uma região de terra-preta. Naquele tempo eu não entendia o que era terra-preta. Só depois que eu fiquei mais velho que fui estudar e entender. Então, mas meus avós, meus bisavós, as pessoas adultas, antigas da época, elas falavam muito em mãe-da-terra, mãe-do-mato, mãe d'água. Além disso, eles sempre contavam histórias relacionados a isso. E essas histórias eram repassadas de geração para geração. Tanto histórias de seres da floresta quanto do rio. (Seu Elves, Baixo Amazonas)

Assim como os medievais aprendiam o mundo a partir de uma leitura integrada, os moradores do Baixo Amazonas e Baixo Tapajós também aprendem o seu universo cosmológico a partir de narrativas de uma rica tradição oral e experiências próprias. O mundo da encantaria, no qual a pajelança é linguagem de acesso, tem a natureza em sua potencia como livro aberto. Aí está um valioso saber que não separa domínios, Natureza x Cultura, Fazer x Saber. Aqui o fazer-saber é integrado, pois o espaço natural é atribuído de socialidade e habitado por diferentes agentes com “perspectivas próprias” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2002), sendo assim, inúmeras regras de convivência interligam humanos e encantados. Saber ler dentro desse universo cosmológico é saber respeitar os lugares, horários, sobretudo, respeitar os animais, as plantas. Quem tem um papel decisivo em tudo o que acontece entre humanos e encantados é o pajé. Ele traz consigo seu cigarro tauarí, como no relato contado por seu Livaldo, onde o pajé Merandolino dá sua bagana de tauarí ao doente e este cai direto na toca do coelho, ou melhor dizendo, no encante. Além do cigarro tauarí, o pajé traz consigo seu poder de se *ingerar*, seu vasto conhecimento de plantas, dons de adivinhação. Graças aos pajés, são preservados muitos conhecimentos botânicos e fármacos, sem contar que são tidos como lideranças espirituais fundamentais para vida social da região.

Na cosmologia local, o sacaca, como citado antes, não é entendido como um ser vivente. É, na verdade, a manifestação de um bicho do fundo ou de um antigo pajé, que denomino de pajé in-potência ou em imanência, porque pode assumir diferentes formas, seja de gente, de bicho, de planta ou de nenhuma forma física que possa ser captada pela visão das pessoas. (CORDEIRO, 2017, p.65)

São aos pajés que as pessoas recorrem em momentos que escapam da normalidade, sejam em casos de doenças, assim como em caso de maternidade, fenômenos geográficos, desastres. O pajé é a peça chave para o conhecimento de um universo que vem sendo durante séculos, atacados por forças exteriores, isto é, o processo de colonização propriamente dito. A pajelança sofre e ainda sofre perseguições por partes de religiões hegemônicas como o cristianismo, tanto na forma de catolicismo quanto na forma de protestantismo. Não obstante, ela convive com essas religiões, e muitas vezes, como é o caso da cobra que se “ingerou” em igreja, relatada por Rafael, ela se apropria e se atualiza, neste caso, a pajelança

está no fundo da igreja, protegendo a comunidade na forma de cobra grande. Tal fato é interessante por estar presente em algumas comunidades, vilas e até mesmo cidades, e estas últimas na Amazônia estão bem cercadas pela densidade das florestas, por isso o sopro do encantado não lhes passa despercebido. As cobras que moram debaixo de igreja, botos encantados que se transformam em homens, homens que se “ingeram” em cobra-grande, plantas que se transforma em bicho, mãe-da-mata, tudo isto representa uma pintura cosmológica da região do Baixo Amazonas e Tapajós, quiçá até de um pedaço maior da Amazônia. É notável a presença desses temas na literatura, música, na pintura.

Para acessar e falar do universo delineado neste trabalho conto com minha própria experiência, por ter nascido na comunidade Cururu, situada no Lago Grande do Curuaí. Desde criança, com minhas primeiras memórias, lembro-me de minhas longas caminhadas com meu avô dentro da floresta e de nossas pescarias na várzea da Ilha Grande, uma várzea situada no outro lado do rio. E quando a noite, ouvíamos as histórias fantásticas que povoavam de seres encantados, todos aqueles lugares que visitávamos durante o dia. Ali aprendíamos que ao amanhecer devíamos andar com respeito pelos lugares por aonde íamos, assim como buscar não judiar dos animais, isto fazer-lhes mal. Esta monografia, além de cumprir função de rito de passagem na academia para ingressar no mundo dos antropólogos, também lhe cabe uma realização pessoal de estar próximo de minhas raízes. Hoje, ao final deste percurso, percebo a transformação que antropologia causou em mim, um estranhamento, mas no sentido filosófico, de espanto, tal qual como é atribuído por Aristóteles, como principio da Filosofia. É a indagação, o questionamento, buscar o saber a partir da curiosidade pelas coisas que estão em nós tão naturalizadas que nos esquecemos de aprecia-las em sua grandeza.

É inegável que dentro disto está embutido um caráter político, pois no período histórico em que a região do Baixo Amazonas e Baixo Tapajós (o qual é síntese de um processo de colonização) se encontra, vive-se em período de crise socioambiental em diversos aspectos. Ressalto alguns, como, diminuição de peixes nos rios devido à pesca predatória, animais em risco de extinção, exploração desordenada e clandestina de madeira, grandes projetos financiados por capital internacional, e multinacionais explorando riquezas naturais, como minérios, a terra para plantações de soja. Todos esses aspectos põem em risco a própria

manutenção das vidas dos moradores das comunidades que dependem, principalmente, da floresta e do rio para seguir sua estrada. Esses lugares, além de ser fonte de trabalho, também são habitados por seres com os quais convivem e dividem as belas paisagens amazônicas, e por eles, os moradores mantêm uma grande reverência.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Metafísica. Edição de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BENJAMIN, Walter. “O autor como produtor”, in A modernidade. Obras escolhidas de Walter Benjamin, [edição e tradução de João Barrento], Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, pp. 271-293.

CABRAL, Joana. Entre plantas e palavras. Modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, M. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”. In: Cultura com aspas. Cosac & Naify, São Paulo, :301-310. 2009.

CORDEIRO, Maria Audirene de Sousa Cordeiro. “A canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se *ingerar* e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, 2017. [Orientadora: Prof. Deise Lucy Oliveira Montardo].

DAMATA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “Antropological blues” in NUNES, Edison de O. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, paginas 23-35.

DELEUZE, G e GUATARRI, F. *Mil Platôs*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

DESCOLA, Philippe 2001 Construyendo naturalezas: ecologia simbólica y práctica social. In: Descola, Philippe; Pálsson, Gisli. *Naturaleza y sociedad: perspectivas antropológicas*. México: Siglo Veintiuno. p.101-123.

DESCOLA, Phillipe. Ecologia e Cosmologia, in: Edna C. & Florence P. (org.), Faces do Trópico Úmido. Belém: Cejup, 1997.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo, Nacional, 1955 (Coleção Brasileira).

GALVÃO, Wenceslau S. (Tõrãmi Bayaru) & GALVÃO, Raimundo C. (Guahari Ye Ñi). 2004. Livro dos antigos Desana – Guahari Diputiro Porã. Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 7. São Gabriel da Cachoeira: ONIMRP/ Foirn.

GOMES, Denise. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (Org.). Arqueologia amazônica. Belém: MPEG/IPHAN/SECULT, 2010. v. 1, p. 213-234.

INGOLD, T. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: Steil CA, Carvalho ICM, organizadores. Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome; 2012. p. 15-29

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. São Paulo: Papirus, 1989.

MAUÉS, Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. Estudos Avançados, 2005.

PORRO, Antônio. —História Indígena do Alto e Médio Amazonas (sécs. XVI a XVIII)II. In: CUNHA. História dos Índios no Brasil pp 175-196.

VAZ, Florêncio. “Povos indígenas e etnogêneses na Amazônia”. In: CINEP: Olhares indígenas contemporâneos. Brasília: CINEP, 2010.

VAZ, Florêncio. CARVALHO, Luciana. Isso tudo é encantado. Santarém: UFOPA, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 552 pp.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.